

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE JORNALISMO**

**BRUNA VITÓRIA DE SOUSA**

**QUEM AMA NÃO MATA, MORRE:  
O FEMINICÍDIO DE ÂNGELA DINIZ NO PODCAST PRAIA DOS OSSOS**

**UBERLÂNDIA**

**2023**

**BRUNA VITÓRIA DE SOUSA**

**QUEM AMA NÃO MATA, MORRE:  
O FEMINICÍDIO DE ÂNGELA DINIZ NO PODCAST PRAIA DOS OSSOS**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Nicoli Glória de Tassis Guedes

**UBERLÂNDIA**

**2023**

**BRUNA VITÓRIA DE SOUSA**

**QUEM AMA NÃO MATA, MORRE:  
O FEMINICÍDIO DE ÂNGELA DINIZ NO PODCAST PRAIA DOS OSSOS**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Nicoli Glória de Tassis Guedes – Universidade Federal de Uberlândia  
Orientador(a)

---

Aline Cristina Camargo – Sebrae - SP  
Examinador(a)

---

Ana Paula de Moraes Teixeira – Universidade Federal de Uberlândia  
Examinador(a)

Uberlândia, 22 Junho 2023

## AGRADECIMENTOS

É difícil começar agradecendo por uma graduação que não foi fácil. Muitos romantizam a faculdade, o curso realizado e até as pessoas, porém desde o começo da graduação fui desafiada de diversas formas, primeiro tive que me mudar para um outra cidade, depois tive que conhecer e conviver com pessoas muito diferentes e por último tive que ao longo desses seis anos reaprender diversas vezes a gostar do jornalismo.

Não foi uma graduação fácil, foi dificuldade financeira, dificuldade com pessoas, no trabalho, na área e com certeza dificuldade com a escrita desta monografia. Porém, apesar de todas as dificuldades e por todos os obstáculos que passei, hoje vejo que precisava passar por tudo para chegar aqui e ainda ter a quem agradecer.

Pode parecer egocentrismo, mas primeiramente eu agradeço a mim mesma, agradeço a Bruna do passado que lutou e chorou muito para chegar até aqui, a Bruna do presente que não desiste e apesar de não ser o curso dos seus sonhos, conseguiu se formar. E a Bruna do futuro que está cheia de sonhos para realizar.

Logo é incontestável que os meus mais sinceros obrigado e os meus agradecimentos vão para a minha mãe, Luciene Aparecida, mulher forte e guerreira que nunca mediu esforços para me ver formada em uma universidade, que trabalhou muitas vezes dia e noite para que eu conseguisse estudar e ter um diploma. Mas agradeço principalmente pelo seu apoio incondicional em todas as escolhas da minha vida.

Jamais poderia deixar de agradecer também ao meu pai, Nelson, que do seu jeito, me criou, cuidou de mim e me deu assistência necessária para continuar estudando. Agradeço aos meus irmãos, Luis Eduardo e Marcos Rodrigo que apesar de estarem mais distantes dessa fase sempre me apoiaram para não desistir e seguir firme no meu objetivo.

Não poderia deixar de agradecer, com saudades, ao meu pai, Jose Israel e a minha avó Maria Abadia, que foram embora cedo demais da minha vida, porém tem uma grande parcela de culpa em tudo que vivi e em tudo que eu me formei enquanto pessoa e profissional.

Agradeço às pessoas que estão na minha vida e que principalmente estiveram ao longo de toda caminhada comigo, aos meus padrinhos e madrinhas, que são muitos, porém vou destacar o José Aquiles e Dulcineia Freitas que cuidaram de mim quando eu precisei, que me apoiaram e principalmente que me “puxaram a orelha” quando necessário.

Logo teve muitas pessoas que passaram na minha vida durante esses seis anos e com toda certeza cada um teve a sua contribuição para o lugar que eu estou hoje. Sejam colegas de faculdade, colegas de trabalho, colegas de estágio, sejam amizades que vieram e se foram.

Cada um tem o seu ponto escrito na minha história e contribuiu de certa forma para a pessoa que eu sou e para a profissional que eu me tornei.

E por fim agradeço a Deus por me guiar até aqui e por ter me capacitado para que tudo isso se tornasse real, sem Ele na minha vida eu não teria conseguido.

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Artigo 2ª da Lei Maria da Penha

SOUSA, Bruna Vitória de. **Quem ama não mata, morre: o feminicídio de Ângela Diniz no Podcast “Praia dos Ossos”**. 2023. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Jornalismo, Faced, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar os recursos de linguagem utilizados na construção da narrativa do feminicídio de Ângela Diniz, no *podcast* “Praia dos Ossos”. Para isso, se dedica a discutir as principais características do rádio digital presentes no produto sonoro, contribuindo assim para a compreensão do *podcast* jornalístico-narrativo como formato, a partir do caso específico de “Praia dos Ossos”. Também faz parte do escopo da presente pesquisa problematizar o tratamento dado à questão do feminicídio na cobertura realizada. O exercício de análise narrativa é feito a partir de dois episódios, a saber: episódio 1 “O crime da praia dos ossos” e Episódio 2 “O julgamento”. Como operadores metodológicos, define-se a partir do levantamento bibliográfico e tratamento do *corpus*: a) a linguagem; b) as estratégias de ambientação (narração e silêncio, inserção de efeitos, trilhas e sonoras, etc.); c) a abordagem discursiva-narrativa do crime de feminicídio. Dentre as reflexões geradas, destaca-se que a combinação de técnicas jornalísticas e narrativas têm proporcionado experiências singulares de informação e entretenimento, que contribuem para o debate ampliado em torno de temas importantes da sociedade contemporânea, apontando outras práticas e formas de narrar para o jornalismo.

**Palavras-chave:** Praia dos Ossos; Podcast; Ângela Diniz; Feminicídio; Rádio Digital.

SOUSA, Bruna Vitória de. **Quem ama não mata, Morre: o feminicídio de Ângela Diniz no Podcast “Praia dos Ossos”**. 2023. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Jornalismo, Faced, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

### ABSTRACT

This work seeks to analyze the language resources used in the construction of the narrative of the femicide of ngela Diniz, in the “Praia dos Ossos” *podcast*. For this, it discusses the main characteristics of digital radio present in the sound product, thus contributing to the understanding of the journalistic-narrative *podcast* as a format, based on the specific case of Praia dos Ossos. It is also part of the scope of this research to problematize the treatment given to the issue of femicide in the coverage carried out. The exercise of narrative analysis is based on two episodes, namely: Episode 1 “The crime on the beach of the bones” and Episode 2 “The judgment”. As methodological operators, it is defined from the bibliographic survey and treatment of the corpus: a) the language; b) setting strategies (narration and silence, insertion of effects, soundtracks, etc.); c) the discursive-narrative approach to the crime of femicide. Among the generated reflections, it is highlighted that the combination of journalistic and narrative techniques have provided unique experiences of information and entertainment, which contribute to the expanded debate around important themes of contemporary society, pointing to other practices and ways of narrating for journalism .

**Keywords:** Praia dos Ossos; Podcast; Ângela Diniz; Femicide; Digital Radio.



## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 - Episódios 1 ao 8 do podcast Praia dos Ossos	26
FIGURA 2 - Sentença dos autos processuais de Doca Street	49

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Descrições dos episódios analisados	37
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. RÁDIO DIGITAL</b>	<b>14</b>
2.1 Conceito	14
2.2 Características	15
2.3 Podcast	16
2.4 Podcast no Brasil	18
2.5 Podcast como formato narrativo-jornalístico	19
<b>3. PRAIA DOS OSSOS</b>	<b>23</b>
3.1 Origem	23
3.2 Episódios analisados	27
3.2.1 O crime da Praia dos Ossos	27
3.2.2 O julgamento	31
<b>4. PRAIA DOS OSSOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE</b>	<b>36</b>
4.1 Linguagem dos episódios	38
4.2 Estratégias de ambientação	41
4.2.1 A voz e o silêncio	42
4.2.2 Efeitos sonoros e ambientação	44
4.2.3 Músicas e trilhas sonoras	46
4.2.4 Sonoras e inserções	47
4.3 Femicídio na Praia dos Ossos	49
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>54</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão em torno do *podcast* como mídia sonora tem se tornado cada vez mais relevante na sociedade atual, especialmente com o aumento do uso de tecnologias digitais e dispositivos móveis, isso segundo Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Os *podcasts* oferecem uma forma acessível e conveniente de consumir conteúdo de áudio sob demanda, sendo uma forma cada vez mais popular de informação e entretenimento, em uma ampla variedade de ofertas e gêneros, desde notícias e entretenimento, até educação e cultura, esportes e política.

Além disso, o formato de *podcast* permite que qualquer pessoa crie e compartilhe seu próprio conteúdo, o que tem levado a um crescimento exponencial da produção e consumo de *podcasts* nos últimos anos. Segundo um encontro online entre Sônia Bridi, Kenya Sade, Fábio Silveira e Carlos Merigo realizado pelo canal da Globo, é citado que o Brasil foi o país com maior crescimento na produção em 2020. Durante a pandemia, teve uma audiência de 57% das pessoas ouvindo um *podcast* pela primeira vez. O Brasil também aparece como segundo maior mercado consumidor de *podcasts* nos dados do *Podcast Stats Soundbites*, configurando top 3 mundial do Statista. Além disso, aqui no país, segundo a Comscore, o consumo de áudio por serviços de streaming chega a 13 bilhões de horas por mês.

Para acompanhar esse interesse dos brasileiros, o país tem aumentado sua produção de *podcasts* no mesmo ritmo. O Listen Notes coloca o Brasil como segundo maior produtor do formato, atrás apenas dos Estados Unidos. É nítido o quão os brasileiros gostam de *podcast* e rádio, considerando que o meio é ouvido por 80% da população, segundo a Kantar IBOPE Media.

Esta pesquisa, portanto, reconhece o quanto é primordial falar do crescimento do *podcast* no Brasil, visto que a cada ano, ele se torna um formato de conteúdo com maior aderência e capilaridade. Esse é um meio em que as pessoas veem autoridade, seja para buscarem opções para se divertir ou para adquirir conhecimento, além de trazer acessibilidade e a versatilidade, podendo assim ser ouvido em qualquer lugar a qualquer momento, permitindo que o público concilie o consumo com a realização de outras atividades, se tornando parte do cotidiano. No bojo dessa discussão, buscamos analisar os principais recursos de linguagem utilizados na construção da narrativa da história de Ângela Diniz no *podcast* “Praia dos Ossos”, nos episódios um e dois, produzido pela Rádio Novelo, conforme apresentado em detalhes no Capítulo 2 deste trabalho.

Conduzido e idealizado por Branca Viana, o produto se apresenta como um *podcast* narrativo, formato que será discutido no Capítulo 1. Em um total de 8 episódios de mais ou menos uma hora cada, busca reconstituir fragmentos centrais do feminicídio da socialite Ângela Maria Fernandes Diniz, assassinada pelo ex-companheiro, Doca Street, no dia 30 de dezembro de 1976. Doca, após intensa discussão com a ex-namorada, desferiu quatro tiros contra a moça, três no rosto e um, na nuca, a matando imediatamente, em uma casa, na Praia dos Ossos, no litoral de Búzios, no estado do Rio de Janeiro. Esse caso se oferta como emblemático para a discussão maior em torno da luta por equidade de gênero e da transcendência das mulheres como sujeito na sociedade contemporânea.

O Brasil é considerado o quinto país com maior número de feminicídios. Um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que, no primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, média de 4 mulheres por dia. Este número é 3,2% mais elevado que o total de mortes registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 mulheres foram assassinadas. Nesse ponto, é importante ressaltar que esses números, apesar de já serem alarmantes, são subnotificados, uma vez que há muitas questões de ordem sociocultural que tornam o tema tabu, gerando silenciamentos em torno da sua denúncia e discussão. A pertinência do presente trabalho encontra-se, portanto, na importância de se falar sobre o feminicídio, problematizando valores e práticas sociais que alimentam historicamente a elevação de índices de violência doméstica, culminando em feminicídios.

Deste modo, as análises e considerações deste trabalho visam contribuir socialmente para a reflexão em torno das desigualdades e violências de gênero, além de ajudar na conscientização sobre o assunto, buscando humanizar as estatísticas e transmutar a mentalidade da sociedade, hegemonicamente machista e misógina, diante desse grave problema social. Para além de uma relevância social, esta pesquisa tem uma relevância pessoal. Aos 16 anos, vivenciei um relacionamento abusivo, passando por diversas situações de violências, justificadas como atos de amor, movidos por ciúmes. Quando os abusos começaram, fui constantemente acusada de que era o meu comportamento que gerava as agressões. E durante muito tempo considerei que, de fato, era culpada, não conseguia perceber que era a vítima e que a minha vivência ecoava estruturas sociais mais amplas. Com este trabalho, também elaboro a minha própria experiência enquanto mulher, buscando enfrentar valores e práticas culturais que ancoram violências de ordem física e simbólica.

Assim como Ângela que, mesmo após morta, foi apontada como culpada por suas escolhas pessoais consideradas transgressoras para a sociedade de seu tempo, muitas mulheres também continuam a ser culpabilizadas pelas violências sofridas, supostamente em

nome do amor. Quando a sua vida sexual foi colocada como uma questão relevante na tribuna que julgava o seu assassinato, justificando o comportamento do assassino, eu me identifiquei. Portanto, a reflexão sobre o *podcast* “Praia dos Ossos” constitui-se, como uma contribuição acadêmica e social de falar da história daquelas que não tiveram a chance de falar. É uma forma de elaborar uma dor que não é só minha e conceder visibilidade também às mulheres que sofrem e morrem todos os dias vítimas de feminicídio no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, este trabalho analisa quais recursos de linguagem foram utilizados na construção da narrativa da história de Ângela Diniz no *podcast* “Praia dos Ossos”, verificando quais características do rádio digital estão presentes na construção da narrativa, contribuindo assim para a discussão sobre o *podcast* jornalístico-narrativo como formato, e o caso específico de “Praia dos Ossos”, além de Identificar o tratamento dado à questão do feminicídio na cobertura realizada pelo “Praia dos Ossos”.

Para isso, no primeiro capítulo, intitulado Rádio Digital, abordamos o conceito do rádio digital bem como suas características e linguagens adentrando já no *podcast* e falando sobre ele no Brasil e como formato narrativo jornalístico, com base em autores de referência, como Antonio Francisco Magnoni, Cyro César, Luiz Beltrão, Newton Quirino, Marina Alimandro Aquino, Nair Prata, Lucio Luis, Pablo de Assis, Marcelo Kischinhevsky, Micael Herschmann, Luana Viana e Isabela Cabral Barbosa.

No segundo capítulo, discute-se sobre o *podcast* “Praia dos Ossos” e sua origem com base em buscas documentais, sites e entrevistas concedidas pela diretora. Além de uma breve descrição de cada episódio. E por fim descrevendo em detalhes minuciosos os dois episódios escolhidos para serem analisados: “O crime da praia dos ossos” e “O julgamento”.

No terceiro capítulo foi feita a análise desses dois episódios, analisando a linguagem utilizada, as estratégias de ambientação, a voz e o silêncio, os efeitos sonoros utilizados, as músicas e trilhas e também as sonoridades e inserções. O capítulo se encerra falando sobre a abordagem do tema feminicídio em “Praia dos Ossos”. Em seguida, o último capítulo traz as considerações finais, com reflexões a respeito do percurso teórico e analítico desenvolvido ao longo desta monografia.

Dessa forma, esperamos contribuir para uma melhor compreensão desse formato de mídia emergente e suas possibilidades futuras, além de agregar novas discussões a respeito do feminicídio e da forma como as histórias podem ser contadas.

## 2. RÁDIO DIGITAL

Este capítulo aborda os conceitos já estudados por pesquisadores do rádio digital, do *podcast*, do formato narrativo-jornalístico e da linguagem do rádio, para assim entender as características desse gênero. Para isso, buscamos, ainda que brevemente, tratar a respeito do desenvolvimento do rádio como veículo de comunicação, a fim de observar especialmente como se adaptou e se modificou ao longo dos anos.

### 2.1. Conceito

O rádio digital é uma tecnologia que permite a transmissão de sinais de áudio em formato digital, em contraste com o formato analógico tradicional utilizado em estações de rádio FM. A transmissão de rádio digital envolve a conversão do som em sinais binários (0s e 1s) que podem ser transmitidos por meio de ondas eletromagnéticas.

O Rádio prossegue em plena era audiovisual, como um veículo de comunicação exclusivamente sonora. Apesar de faltar-lhe o apelo imagético, a linguagem radiofônica consegue compensar a falta de imagem porque o rádio usa uma forma de comunicação plenamente universal: são milhares de locutores em todo o país, que “conversam” com seus ouvintes a todo instante e sobre todos os assuntos. (MAGNONI, 2012, p. 4).

A principal vantagem do rádio digital é a qualidade de som superior em comparação com o rádio analógico tradicional. O rádio digital também permite a transmissão de informações adicionais, como imagens e texto, e a capacidade de transmitir várias estações em um único canal de frequência. No entanto, a adoção do rádio digital pode ser limitada devido à necessidade de atualização do equipamento e infraestrutura de transmissão, além da concorrência de outras fontes de entretenimento, como streaming de música e *podcasts*.

Voltando um pouco na história, em 1896 que o rádio foi inventado. Mas antes disso, diversas outras descobertas foram necessárias para propagação do som por ondas radiofônicas. Como em 1888, quando Heinrich Hertz, verificou a existência de variações de correntes pelo ar, sendo as ondas eletromagnéticas, principal motivo para conseguirmos transmitir voz, músicas e até mesmo fotos sem precisar de fios. Já na década de 1920, as transmissões passaram a ser regulares em várias partes do mundo, com música, conversas e até mesmo aulas.

Para César (2013), o rádio chegou oficialmente ao Brasil com a comemoração do centenário da Independência, no dia 7 de setembro de 1922, tendo como propulsor Edgard

Roquette-Pinto. Na ocasião, os brasileiros ouviram pela primeira vez uma transmissão de rádio com o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa. Edgard é também responsável pela criação da primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923. Ele enxergou o uso deste instrumento com um meio para compartilhamento da cultura popular, porém, limitado a uma emissora de cunho exclusivamente educativo.

A partir de 1927 começa a era do eletrônico no rádio:

O som dos discos não mais precisava ser captado pelo microfone, pois o toca-discos tinha sido conectado a uma mesa de controle de áudio e seu volume podia ser ajustado eletronicamente. Com estúdios mais ágeis, a produção dos programas radiofônicos foi aprimorada. [...] o slogan da rádio de Roquette Pinto era: “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo Brasil”. A programação consistia em música erudita, conferências e palestras que não despertavam o interesse do ouvinte. (CÉSAR, 2013, p. 37).

Desde então, o rádio cresceu em importância e se estabeleceu como um veículo de massa. Para Beltrão e Quirino (1986, p. 57), essa comunicação de massa difunde ideias e conteúdos, forma opiniões, constrói interesses semelhantes e até diferencia grupos sociais, podendo ser definida como:

[...] processo industrializado de produção e distribuição oportuna de mensagens culturais em códigos de acesso e domínio coletivo, por meio de veículos mecânicos (elétricos/eletrônicos), aos vastos públicos que constituem a massa social visando informá-la, educá-la, entretê-la o persuadi-la desse modo promovendo a integração individual e coletiva na realização e coletiva do bem-estar da comunidade. (BELTRÃO, QUIRINO, 1986, p. 57).

Além disso, para Beltrão e Quirino (1986, p. 56), a comunicação de massa é muitas vezes de natureza industrial e vertical. Industrial, uma vez que visa desenvolver e divulgar produtos, bens e serviços culturais na forma de informação. Vertical porque é elemento transformador em outras formas de comunicação, interpessoal ou grupal, direta ou reservada.

## **2.2.Características**

O rádio digital é uma tecnologia que utiliza sinais digitais para transmitir áudio e informações adicionais. Em decorrência disso, oferece qualidade de áudio superior, pois o sinal digital utilizado no rádio digital é uma qualidade de som superior à do rádio

analógico. Isso ocorre porque o sinal de áudio é transmitido como um fluxo de bits digitais, em vez de ondas analógicas, como no rádio analógico. Isso resulta em uma reprodução de áudio mais precisa e nítida, sem chiados ou interferências.

Além de transmitir áudio, o rádio digital pode enviar informações adicionais, como texto, imagens e até mesmo vídeos. Essas informações podem incluir o título da música que está sendo reproduzida, o nome do artista, informações sobre a programação da estação e muito mais.

Ainda, o rádio digital permite que as estações transmitam mais canais de áudio simultaneamente. Isso significa que as estações podem transmitir vários programas ao mesmo tempo, oferecendo aos ouvintes mais opções de programação. Por exemplo, uma estação de rádio pode transmitir música em um canal e notícias em outro.

Com isso, o rádio digital tem uma cobertura mais ampla do que o rádio analógico. Isso ocorre porque o sinal de rádio digital é menos afetado por interferências eletromagnéticas e outros obstáculos que podem reduzir a qualidade do sinal analógico. Isso significa que as estações de rádio podem atingir mais ouvintes em áreas rurais ou remotas, por exemplo.

Outro fator fundamental sobre o rádio digital é seu consumo de energia, que é mais baixo do que o rádio analógico. Isso significa que as baterias dos rádios digitais duram mais do que as dos rádios analógicos. Além disso, o rádio digital pode ser alimentado por uma variedade de fontes de energia, incluindo baterias recarregáveis, energia solar e outras fontes renováveis. Isso torna o rádio digital uma opção mais sustentável em comparação com o rádio analógico.

A radiodifusão sonora digital tem como características: a imunidade aos ruídos, interferências mútuas reduzidas e a mobilidade garantem a robustez contra os sinais interferentes. Outras características são: o uso de uma menor potência de transmissão para atender à uma mesma área de cobertura e a maior capacidade de transmissão de informações, como a inserção de dados à programação transmitida e a capacidade de oferta de serviços de valor agregado (AQUINO, 2007, p. 24)

Diante disso o rádio digital, veio como uma nova “plataforma” com muito mais vantagens em relação a qualidade do som, com informações adicionais e maior interatividade.

### **2.3 Podcast**



O *podcast* é um serviço de streaming de áudio lançado em 2004 pelo americano Adam Curry, que se inspirou em sua prática de blogs para criar o iPodder. O software permite o download de gravações da Internet para o dispositivo usando o formato RSS e funciona como um agregador de conteúdo (PRATA, 2009).

Ele nasce como mídia digital que vai romper barreiras quanto à distribuição e a criação de conteúdo (ASSIS; LUIZ 2010, p. 4). O *podcast* é um formato de conteúdo de áudio digital que pode ser baixado ou transmitido pela internet. Esse conteúdo pode ser gravado em uma variedade de temas, incluindo notícias, esportes, comédia, educação e muito mais. Os *podcasts* são criados por indivíduos ou empresas e podem ser distribuídos por meio de diversas plataformas de streaming.

No geral, o *podcast* consegue se adaptar a múltiplas formas de mídia no ambiente digital. O rádio é uma das plataformas que se enquadram nessa categoria, conforme definido por Kischinhevsky (2016), cuja já conhecida habilidade de se adaptar cultural, econômica e tecnologicamente expandiu-se para incluir sites, redes sociais, smartphones, aplicativos, computadores e canais de televisão por assinatura em uma era contemporânea de tecnologias multiplataformas convergentes.

Os *podcasts* são geralmente disponibilizados em episódios que podem ser baixados ou transmitidos online. Os ouvintes podem se inscrever em um *podcast* para receber automaticamente os episódios mais recentes quando forem lançados. Além disso, muitos *podcasts* têm um formato de talk-show, no qual os apresentadores discutem sobre um determinado tópico, trazem convidados e respondem perguntas dos ouvintes.

No podcasting, diferentemente da radiodifusão convencional, a recepção é assíncrona, cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado. O podcast é descarregado no computador e, a partir daí, pode ser consumido imediatamente ou copiado para um tocador multimídia (telefone celular, iPod, MP3 players), sendo fruído de uma única vez ou de forma fragmentada (HERSCHMANN, KISCHINHEVSKY 2008, p. 103).

Os *podcasts* são uma forma popular de mídia, pois permitem que os ouvintes ouçam o conteúdo que desejam, quando quiserem. Isso significa que as pessoas podem ouvir seus *podcasts* favoritos durante o deslocamento para o trabalho, enquanto fazem exercícios físicos ou em qualquer outro momento em que desejarem. Além disso, os *podcasts* são frequentemente utilizados por pessoas que querem aprender ou se informar sobre um assunto específico, pois muitos *podcasts* têm um formato educacional.

O podcasting franqueia ao consumidor a opção de pôr “no ar” programações

radiofônicas que gostaria de ouvir, mas que não encontra no dial. Inicialmente, os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta. Mas, rapidamente, os programas/ episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha. (HERSCHMANN, KISCHINHEVSKY 2008, p. 103).

Conclui-se que os *podcasts* oferecem uma oportunidade para os criadores de conteúdo se conectarem com uma audiência específica. Com o aumento do número de plataformas de streaming de *podcast*, cada vez mais pessoas estão criando seus próprios programas. Os *podcasts* permitem que os criadores de conteúdo falem diretamente com seus ouvintes e construam uma comunidade em torno de seu programa.

## 2.4 Podcast no Brasil

A história do *podcast* no Brasil remonta ao final da década de 2000, quando a tecnologia começou a se popularizar no país e permitiu que criadores de conteúdo independentes produzissem e distribuíssem seus programas sem a necessidade de grandes investimentos em equipamentos e infraestrutura.

Em 2004, o primeiro *podcast* brasileiro foi criado por Alexandre Sena e João Batista Jr, intitulado "Digital Minds". Em seguida, outros produtores começaram a surgir, produzindo programas sobre temas variados, como música, tecnologia e cultura (SILVA, 2008).

Em 2005, o primeiro evento voltado para o *podcast* no Brasil foi realizado em São Paulo, reunindo produtores e ouvintes para discutir a tecnologia e suas aplicações para a produção de conteúdo (ASSIS; LUIZ, 2010).

Nos anos seguintes, o *podcast* continuou a crescer em popularidade no país, com a criação de plataformas e aplicativos dedicados à distribuição de programas, como o PodOmatic, o *Podcast* Brasil e o *Podcast* News. Em 2013, o *podcast* brasileiro "Nerdcast", criado pelos irmãos Alexandre e Deive Pazos, atingiu um marco importante ao ultrapassar a marca de 1 milhão de downloads por mês.

Em 2015, a plataforma de streaming Spotify lançou sua seção de *podcasts* no Brasil, oferecendo uma nova opção para ouvintes e produtores. Além disso, a empresa também começou a investir em conteúdo original, criando programas exclusivos para sua plataforma.

Nos anos seguintes, o *podcast* brasileiro continuou a crescer em popularidade e diversidade, com novos produtores surgindo e programas sobre uma ampla variedade de

temas. Alguns programas ganharam destaque nacional, como o "Mamilos", que se concentra em discutir temas relevantes para a sociedade.

Em 2019, a plataforma de streaming Deezer lançou sua seção de *podcasts* no Brasil, oferecendo mais uma opção para ouvintes e produtores. Além disso, o Google também lançou sua plataforma de *podcasts* no país, ampliando ainda mais o alcance do formato.

Hoje, o *podcast* no Brasil é uma forma de mídia consolidada, com uma ampla base de ouvintes e produtores. Com a tecnologia cada vez mais acessível e a diversidade de temas e programas disponíveis, pode-se afirmar que “os *podcasts* no Brasil estão, aos poucos, ganhando espaço diante de grupos ignorados ou subestimados pela mídia de massa tradicional.” (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 13).

Segundo Freire (2011), a disseminação dos *podcasts* no Brasil favorece uma grande mudança na acessibilidade do conteúdo para deficientes visuais. Embora seja um tema ainda não muito explorado no Brasil, essas novas mídias podem ajudar a incorporar cenários de ensino. Além disso, os *podcasts* podem proporcionar maior acesso ao conteúdo para pessoas com deficiência visual, permitindo que elas ampliem sua exposição à informação do mundo sem exigir um horário e local específicos para acessar os recursos.

## **2.5 Podcast como formato narrativo-jornalístico**

O *podcast* se tornou uma forma popular de narrativa jornalística, oferecendo uma maneira única de contar histórias e informar os ouvintes sobre eventos e assuntos atuais. Com a crescente popularidade do formato, muitas empresas de mídia e jornalistas independentes têm usado o *podcast* como uma plataforma para produzir conteúdo de qualidade.

O *podcast* jornalístico se concentra em contar histórias e informar o público de uma maneira que seja atraente e envolvente. Em vez de simplesmente relatar os fatos, o *podcast* jornalístico busca trazer profundidade e contexto para os eventos e questões atuais. Ainda, os *podcasts* de radiojornalismo narrativo têm o potencial de apresentar uma série de benefícios.

uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

Uma das principais vantagens do *podcast* como formato jornalístico é a liberdade criativa que oferece. Diferentemente da mídia tradicional, os produtores de *podcast* não estão restritos há um tempo ou formato específico, permitindo que experimentem com a estrutura e estilo de sua narrativa.

Uma vez que a narrativa em questão é de natureza jornalística, ou seja, baseada em fatos, o jornalista-interlocutor assume o papel de narrador onipresente e onisciente, alcançando tal posição por meio de uma apuração minuciosa, que chega a se assemelhar a uma observação participante (VIANA, 2020).

O *podcast* também permite que os produtores se conectem diretamente com o público, criando uma relação mais pessoal entre o jornalista e o ouvinte. Isso pode ajudar a construir uma audiência leal e engajada, que está disposta a apoiar o trabalho do jornalista.

Muitos *podcasts* jornalísticos se concentram em um tópico ou tema específico, como, por exemplo, o *podcast* Projeto Humanos, Modus Operandi e Não Inviabilize permitindo assim que os produtores aprofundem na questão e ofereçam uma análise mais completa. Essa abordagem também pode permitir que os produtores atraiam um público específico, interessado no tópico.

1

O *podcast* jornalístico também pode ser usado para cobrir eventos ao vivo, como eleições, debates e julgamentos. Isso permite que os produtores de *podcast* ofereçam uma cobertura ao vivo e uma análise instantânea dos eventos.

Muitos jornalistas independentes e empresas de mídia começaram a usar o *podcast* como uma forma de aumentar sua audiência e expandir sua presença online. Isso permite que eles alcancem novos públicos e ofereçam conteúdo de qualidade em um formato conveniente e fácil de acessar. Alguns exemplos de *podcasts* jornalísticos de sucesso incluem "Serial", que se concentra em investigações criminais. Segundo Barbosa (2015, p. 18):

Em 2014, um *podcast* e particular foi lançado e abalou o mundo dos *podcasts*, sob vários aspectos: criativos, números de audiência, relação com o público. Esse acontecimento, aliado a outros fatores que recentemente vinham impulsionando a mídia, levou muitos especialistas a declarar este momento “a era de ouro” ou “o grande ressurgimento” dos *podcasts*. Serial surgiu em outubro com a proposta de

---

<sup>1</sup> O *podcast* Projeto Humanos é idealizado por Ivan Mizanzuk, professor universitário de Curitiba-PR e pode ser encontrado na plataforma Globoplay. O *podcast* Modus operandi é um apresentado por Carol Moreira e Mabê Bonafé e pode ser encontrado na Free Listening on Podbean App. O *podcast* Não Inviabilize é apresentado por Déia Freitas e pode ser escutado na Deezer.

contar e discutir uma história real ao longo de doze episódios, disponibilizados semanalmente.

O *podcast* também pode ser uma ferramenta útil para os jornalistas locais, permitindo que eles cobrem eventos e questões importantes em sua comunidade. Isso pode ajudar a construir uma audiência engajada e apoiar o jornalismo local. Alguns *podcasts* jornalísticos também incluem entrevistas com especialistas e figuras importantes, como o “Podercast” oferecendo uma perspectiva única sobre eventos ou questões atuais. Isso pode ajudar a oferecer uma análise mais completa e aprofundada das questões em questão.

Alguns *podcasts* jornalísticos também podem incluir um elemento de entretenimento, como a inclusão de piadas ou comentários humorísticos, como o caso dos *podcasts* “É Noia Minha?” e o “Respondendo em Voz Alta”. Isso pode ajudar a tornar o conteúdo mais atraente e a conquistar uma audiência mais ampla.

Além disso, o jornalismo narrativo também se caracteriza pela reportagem em primeira pessoa, o que indica um afastamento dos métodos tradicionais sem violar a obrigação de buscar e verificar informações e, principalmente, de descrever os fatos com a maior precisão possível. Isso reflete uma observação pessoal mais viva do caso narrado, o que leva significativamente a uma forte participação nas produções, até porque muitas dessas produções nascem ancoradas por motivos pessoais. Por exemplo, Branca Vianna fala sobre sua motivação na produção de "Praia dos Ossos":

Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos. E eu não tinha, como aliás continuo não tendo, nenhum interesse especial por histórias policiais. E muito menos por coluna de fofoca. O crime ficou famoso porque as pessoas envolvidas eram de coluna social. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres. E foi por isso que eu quis voltar a ele, mais de quarenta anos depois. Essa não é só uma história de coluna social. Mas não deixa de ser uma história sobre a imprensa (PRAIA, 2020).

Os *podcasts* narrativos, investem fortemente em fazer o seu ouvinte não apenas ouvir, mas mergulhar na escuta e na história, ampliando assim a percepção de quem escuta e fazendo com que sinta cada detalhe da história. Para Luana Viana: “o processo imersivo ocorre tanto pelas sensações adicionadas pelo consumo do conteúdo quanto pela disposição psicológica do público” (VIANA, 2020, p. 03). Isso quer dizer que essa imersão, faz com que o público entre em um mundo "imaginário" o qual não é o real, ou que ele pertence, e está incluído no momento.

Massarolo e Mesquita (2014) apontam que a imersão é atingida por meio dos estímulos sensoriais ou imaginários que criam uma conexão emocional, sensorial ou cognitiva com a história e permitem que as pessoas existam como realmente são:

A noção de imersão sempre esteve atrelada à concepção de verossimilhança da representação na história da arte ocidental. Para tanto, Oliver Grau (2007) considera que o desenvolvimento das mídias está intimamente ligado a uma busca pelo aperfeiçoamento de uma experiência imersiva, pois todas buscam criar técnicas que sejam capazes de cativar o imaginário do espectador, com a finalidade de aproximá-lo e inseri-lo sensorialmente na obra. Seja por um estímulo sensorial direto ou pelo estímulo imaginativo, a imersão é popularmente compreendida como uma potência de atração do sujeito humano à experiência vivenciada, num ideal de transportar sua consciência a uma construção ficcional e fisgá-lo sensorialmente, emocionalmente e cognitivamente para uma paisagem de acontecimentos mimetizados. Algo que constitui em um forte sentimento de presença na realidade ficcional. (MASSAROLO; MESQUITA; 2014, p. 48-49).

É importante ressaltar que cada um funciona à sua maneira como elemento imersivo, e no estudo de Viana (2020) isso se aplica à cobertura jornalística, mas acreditamos que também se aplique aos *podcasts*. A utilização de todos esses elementos permitem compreender a linguagem da emissão não só do ponto de vista técnico, mas também por uma experiência imersiva.

Por fim, o *podcast* como formato narrativo-jornalístico permite que os jornalistas experimentem novas formas de contar histórias e informar o público. Com a tecnologia e o formato em constante evolução.

### 3. PRAIA DOS OSSOS

#### 3.1 Origem

O *podcast* foi produzido pela Rádio Novelo que surgiu em 2016, com a missão de criar programas que exploram o potencial narrativo do áudio. A produtora faz parte do grupo B9, uma empresa que atua na área de comunicação e marketing digital. A Rádio Novelo é conhecida por produzir programas que misturam jornalismo, storytelling e ficção. Entre os principais programas da produtora estão "Espectro", que investiga casos de supostos fenômenos paranormais, "Imagina Juntas", que aborda temas relacionados à cultura pop e comportamento, e "Praia dos Ossos", que narra a história do assassinato da socialite brasileira Ângela Diniz.

Além disso, a Rádio Novelo também produz conteúdo sob encomenda para marcas e empresas, criando *podcasts* e outras peças de áudio que ajudam a contar histórias e a engajar audiências. O *podcast* "Praia dos Ossos" é um programa de investigação jornalística que narra a história do assassinato da socialite brasileira, Ângela Diniz, em 1976, na praia de mesmo nome, em Búzios, Rio de Janeiro. "A ideia de contar a história deste caso, especificamente, parte de um choque geracional entre Branca Vianna, apresentadora, e Flora Thomson-Deveaux e Paula Scarpin, diretora de pesquisa e diretora de criação da Rádio Novelo, respectivamente." (MENDONÇA, 2021, p. 11).

Ele é apresentado por Branca Vianna, também presidente da Rádio Novelo, com Flora Thomson-Deveaux como chefe de pesquisa e Paula Scarpin como diretora criativa e conta com oito episódios de cerca de 60 minutos. Após um ano e meio de preparação, no dia 12 de setembro de 2020, o primeiro episódio do *podcast* "Praia dos Ossos" desembarcou nas plataformas de áudio, mas a investigação do caso começou em janeiro de 2019. O nome do *podcast* é o mesmo do local onde aconteceu o crime em Búzios, no Rio de Janeiro.

A produção incluiu mais de 50 entrevistas e mais de 80 horas de material gravado. Além disso, foram utilizados arquivos de áudio da Rádio Jovem Pan, Rádio Nacional, TV Globo, Rádio Globo, Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, além de áudios do Estado de Minas, Diário da Tarde, O Globo e O Cruzeiro, isso segundo o próprio site da produtora Novelo. A Equipe "Praia dos Ossos" possui quase 40 pessoas envolvidas em sua produção. O *podcast* foi lançado em 2020 e teve 10 episódios com duração média de uma hora cada um. O programa foi disponibilizado na plataforma de streaming Globoplay e em outras plataformas de áudio.

O “Praia dos Ossos” é definido em oito episódios, sendo o primeiro episódio, “O crime da Praia dos Ossos” que aborda o acontecimento do crime em si, onde é relatado quando e onde tudo começou, como ela foi morta quem era o seu assassino e como o caso foi se desdobrando até o julgamento três anos depois.

O segundo episódio, “O julgamento”, acompanha às 21 horas do julgamento do assassino, três anos depois do crime, em uma audiência marcante em 1979. Nesse episódio mostra como um julgamento que era para ser algo justo e tranquilo, já que o assassino já havia confessado o crime, acaba virando um “duelo de titãs” entre dois dos melhores advogados do Brasil.

No terceiro episódio nomeado “Ângela”, permite que conheçamos a história dessa mulher desde muito jovem até a vida adulta; onde foi criada e educada na tradicional sociedade mineira.

O quarto episódio, “Três Crimes”, relata as infrações que fizeram parte da vida de Ângela antes do crime que tirou sua vida, detalhando o caso do caseiro e outros dois crimes que entraram para a biografia de Ângela Diniz antes dela conhecer Doca Street. Vale ressaltar que o advogado principal da defesa, Evandro Lins e Silva, utilizou fortemente desses crimes que faziam parte da vida de Ângela no julgamento.

Já no quinto episódio, “A Pantera” nos apresenta Ângela na vida adulta e na alta sociedade à época e tudo o que aconteceu em sua vida depois do desquite com Milton Villas Boas e o que fez ela assumir a fama de “Pantera”. Nesse episódio, tenta-se entender o que significava, na prática, ser uma pantera.

O sexto episódio “Doca”, nos apresenta Raul Street e como ele e Ângela se conheceram. Nele amigos comentam às vezes em que presenciaram a dinâmica complicada e intensa do casal e as crises de ciúmes do Doca. Além do começo complicado deles, visto que ambos eram comprometidos quando deram início a suas “escapadas” e, em pouco tempo, estavam morando juntos no Rio de Janeiro.






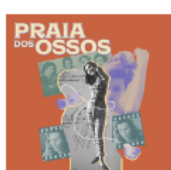


O sétimo e penúltimo episódio, “Quem ama não mata”, fala do segundo julgamento do caso, dos movimentos feministas, como surgiu o slogan “Quem ama não mata” e a importância do movimento de mulheres por trás dele, além de apresentar um novo contexto político-social, diferente do existente no primeiro julgamento.

Por fim, o oitavo e último episódio “Rua Ângela Diniz”, cujo título é o endereço de uma rua em Búzios, recapitula o que foi o movimento feminista na década de 1980 e traz reflexões sobre o que é ser mulher em meio à sociedade patriarcal, machista e misógina



brasileira. Há ainda dois episódios bônus, “Gabriele” e “Búzios”, os quais não possuem relação direta com o caso Doca e Ângela.

**Figura 1** - episódios 1 ao 8 do podcast Praia dos Ossos

52 min 12 SET 2020	EPICÓDIO 1 <b>O crime da Praia dos Ossos</b> Uma socialite, um playboy, uma praia paradisíaca, um assassinato, uma confissão. O feminicídio de Ângela Diniz seria um caso criminal simples. Seria.	
64 min 19 SET 2020	EPICÓDIO 2 <b>O julgamento</b> O processo de Doca Street vira um duelo de titãs e surge uma manobra inesperada.	
61 min 26 SET 2020	EPICÓDIO 3 <b>Ângela</b> Beleza, bailes e glamour: uma vida vivida nas colunas sociais.	
51 min 03 OUT 2020	EPICÓDIO 4 <b>Três crimes</b> Os encontros de Ângela Diniz com a Justiça.	
43 min 10 OUT 2020	EPICÓDIO 5 <b>A Pantera</b> Ângela Diniz descobre a noite e a sociedade carioca dos anos 1970.	
57 min 17 OUT 2020	EPICÓDIO 6 <b>Doca</b> O casal se reencontra, e sai faísca. Quando começa a dar errado?	
55 min 24 OUT 2020	EPICÓDIO 7 <b>Quem ama não mata</b> Um novo julgamento, um grupo de mulheres e um slogan.	
64 min 31 OUT 2020	EPICÓDIO 8 <b>Rua Ângela Diniz</b> De onde e para onde. A legítima defesa da honra e o feminicídio nos dias atuais.	

Fonte: Site Praia dos Ossos / Elaboração da Autora

A partir das imagens anteriores, pode-se perceber que os episódios foram disponibilizados um por semanas, ou seja, demorou oito semanas para o *podcast* ser finalizado. Em setembro de 2022, a coordenadora de produção de "Praia dos Ossos", Flora Thomson-DeVeaux, concedeu entrevista ao *Matinê CineandTV* onde contou os bastidores da produção do "Praia dos Ossos". Ao ser questionada se havia elemento jornalístico em seu trabalho, Thomson-DeVeaux não negou a existência de elemento jornalístico no produto, mas destacou que ela e a apresentadora Branca Vianna, por não terem formação, não se colocam na situação dos jornalistas (MATINÊ, 2022).

Antes disso, em novembro de 2020, Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux realizaram uma live respondendo perguntas dos ouvintes sobre o *podcast*. Uma das muitas questões levantadas consiste em qual foi a referência e a inspiração para a "Praia dos Ossos". Thomson-DeVeaux respondeu: "há uma cultura narrativa mais estabelecida nos Estados Unidos, e que, enfim, a gente fica super feliz de trazer um pouco dessa estética pro Praia" (LIVE, 2020).

A gente abriu a *Novelo* para contar histórias como a do Praia dos Ossos e a gente percebia que pelo menos isso não estava difundido na sociedade, essa referência, essa noção do tipo de história que a gente queria contar e o jeito que a gente queria contar. (MATINÊ, 2022).

O "Praia dos Ossos" tornou-se um sucesso imediato, atraindo a atenção do público e da mídia. Ele foi elogiado e comentado por diversas pessoas como as jornalistas Marleth Silva e Carol Braga pela sua qualidade de produção e por trazer à tona informações importantes sobre um caso que havia sido esquecido pelo tempo. A série abordou não apenas o assassinato de Ângela Diniz, mas também o contexto histórico e social da época, incluindo questões de gênero e violência contra a mulher.

O *podcast* gerou um debate público sobre o caso e incentivou a reabertura das investigações, que haviam sido encerradas em 1979. Em julho de 2021, o Ministério Público do Rio de Janeiro anunciou que iria reabrir o processo. O sucesso do "Praia dos Ossos" serviu de inspiração para a série "Coisa mais linda", da Netflix, além da produção de outros programas de investigação jornalística no formato de *podcast* como o "Que crime foi esse?" consolidando essa mídia como uma importante plataforma para a divulgação de histórias complexas e de interesse público.

## 3.2 Episódios analisados

Foram escolhidos para ser analisados os episódios um e dois do *podcast* “Praia dos Ossos”, que são nomeados: “O crime da Praia dos Ossos” e “O Julgamento”. A escolha desses dois episódios foi dada visto que abordam e exploram de maneira completa todos os elementos sonoros propostos a serem analisados, permitindo uma maior análise e compreensão do que está sendo estudado.

Além disso, são episódios que exploram a questão do feminicídio, as questões de gênero da época e traz de maneira bem clara opiniões, seja da apresentadora quando dos entrevistados e ainda são episódios emblemáticos para compreender a série toda.

### 3.2.1 O Crime da Praia dos Ossos

O primeiro episódio do *podcast*, nomeado “O crime da Praia dos Ossos” é descrito pelo site da rádio novoelo como: “Uma socialite, um playboy, uma praia paradisíaca, um assassinato, uma confissão. O feminicídio de Ângela Diniz seria um caso criminal simples. Seria”. Ângela Diniz nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1944. Ela era filha de uma família rica e cresceu em um ambiente de luxo e sofisticação. Desde jovem, mostrava interesse pela moda e pela beleza, e aos 16 anos já trabalhava como modelo.

Em meio ao agito, conheceu o engenheiro Milton Villas Boas, 31, de uma família tradicional de Minas, com quem se casou aos 17 anos e teve três filhos. Sempre muito à frente do seu tempo, Ângela, conhecida como Pantera de Minas, não se contentou com uma vida pacata de dona de casa e depois de nove anos de união, pediu o divórcio.

O casal então fez um acordo judicial de desquite, já que o divórcio não era permitido no Brasil na época. No acordo, Ângela Diniz recebeu uma pensão mensal e uma mansão em Belo Horizonte, no entanto, a guarda dos três filhos ficou com Milton. Logo depois, ela mudou-se para o Rio de Janeiro aos 21 anos para seguir sua carreira e se tornou uma das modelos mais famosas da época.

Foi quando em 1976, Ângela conheceu Doca Street, um playboy carioca que fazia parte da alta sociedade. Eles se apaixonaram e começaram um relacionamento que logo se tornou tumultuado. Testemunhas afirmam que Doca era ciumento e possessivo, e que frequentemente agredia a companheira. No entanto, ela continuava apaixonada e acreditava que o relacionamento poderia dar certo.

Em dezembro de 1976, Ângela e Doca viajaram para Búzios, uma cidade litorânea do Rio de Janeiro, onde alugaram uma casa para passar alguns dias, porém, Ângela foi encontrada morta na casa, com quatro tiros. Doca foi preso e acusado do homicídio.

Ângela Diniz era figura conhecida na sociedade mineira, famosa por sua beleza e por seu comportamento pouco conservador para a época. Sua vida era sempre comentada nas colunas dos jornais de Belo Horizonte, seu nome associado ora a grandes eventos, ora a grandes escândalos. Ângela casou-se muito jovem e separou-se do marido alguns anos depois, quando passou a ser retratada pela imprensa da época como uma mulher que “vivia entre festas, drogas e amantes”. Em dezembro de 1976, foi morta por ciúme, pelo novo amante com quem vivia em Búzios há três meses, Raul Fernandes do Amaral, o Doca Street. (LANA, 2010, p. 2).

Ângela Diniz deixou um legado importante na luta pelos direitos das mulheres e contra a violência de gênero. Sua morte trágica foi um alerta para a sociedade sobre a necessidade de se combater a cultura do machismo e garantir a proteção das vítimas de violência doméstica.

Esse episódio fala sobre o crime, onde Ângela foi morta com quatro tiros no rosto e na nuca. O episódio começa em 2019 onde Branca e Flora Thompson vão em busca da casa em Búzios, onde o crime aconteceu. Flora, então próximo a chegar a casa onde o crime aconteceu, narra a descrição da cena do crime.

Tratava-se de um cadáver do sexo feminino (já em início de rigidez cadavérica), de cor branca, aparentando 32 anos de idade, estando bastante impregnado de sangue coagulado. Trajava biquíni azul, tendo, na região frontal, o desenho de uma cabeça de pantera, de cor preta. (...) junto ao ombro direito da vítima, encontrava-se uma pistola automática, oxidada, da marca Beretta, calibre 7,65 mm, com o carregador vazio. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Com o decorrer do episódio é apresentado Doca Street e a sua história de vida, onde deixou mulher e filhos para morar com Angela no Rio de Janeiro, isso três meses antes do ocorrido. Quando narrado isso, Branca fala sobre a importância do caso visto que esse crime virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres.

[...] Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres. E foi por isso, que eu quis voltar a ele mais de 40 anos depois. (...) A história é também sobre o sistema judiciário brasileiro, sobre como nasce uma mobilização, sobre como as mulheres viviam e morriam nesse país e como elas continuam vivendo e morrendo. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Branca destaca no episódio como aqueles os meios de comunicação da época transformaram o crime em uma grande novela, onde cada passo era acompanhado de perto e nenhum detalhe escapava.

[...] Os meios de comunicação do país inteiro mobilizaram repórteres para cobrir o caso. Tinha câmera pra receber o corpo da Ângela em Belo Horizonte. Tinha câmera dentro da igreja na missa do sétimo dia dela. Tinha câmera até do lado da cova na hora do enterro, tanto que um dos filhos dela jogou uma pedra no cinegrafista. Tudo foi filmado e transmitido [...] (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Além disso, a imprensa pressionava a polícia sobre Doca e a sua prisão. No entanto, ele continuava fugitivo até que resolveu conceder uma entrevista para TV Globo antes de se apresentar para a polícia.

Eu realmente amava muito a Ângela. A Ângela é uma mulher que marcou muito a minha vida. Ela me deixou... fora de mim, abandonei mulher, abandonei filho. Não tô te falando isso pra te emocionar. Tô te contando a verdade.(PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Doca também concedeu outra entrevista à Revista Manchete, para o jornalista Salomão Schwartzman, onde declarou:

Sei que estou vivo porque sofro. Sofro a saudade de Ângela, sofro o amor alucinado que lhe dediquei. Jamais conseguirei amar alguém como amei Ângela Diniz. E quero morrer (...) eu quis dar à Ângela uma outra imagem, queria que ela vivesse outra vida, que tornasse a ter os filhos perto dela, como verdadeira mãe. Ela me prometeu que mudaria o seu comportamento, mas, infelizmente, a bebida acabou estragando o nosso amor (STREET, 1977).

Ao longo do episódio foi tratado o fato de Doca ter se entregado a uma clínica médica, carregado totalmente dopado.

“Inteiramente abobalhado.” Esse estado “abobalhado” do Doca se devia a uma combinação de calmante com duas garrafas de whisky. Os remédios foram receitados na clínica. O whisky ficou por conta do próprio Doca.(PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Na sequência, o episódio introduz um dos advogados de Doca, Paulo Roberto Pereira, que deu uma entrevista ao *podcast* falando sobre Doca e sua prisão, as condições em que ele estava na prisão e sobre o Ivo Saldanha, médico psiquiatra que conseguiu tirar Doca da prisão e levar para o hospital.

Em seguida, Pierre é introduzido na história como um traficante que vendia drogas para o casal e por isso Doca matou Ângela. Newton Watzl, delegado do caso, não acreditava que Doca Street havia matado Ângela Diniz e sim os traficantes e Doca estaria encobrindo eles por medo de morrer também.

Angela Teixeira de Mello, melhor amiga de Ângela Diniz foi apresentada na história, ela que esteve com o casal no dia do crime, afirma que Pierre nunca existiu: “Não, nem um pouco esse cara existia. Não tinha Pierre.” Além disso, Angela Teixeira chegou para personificar Ângela Diniz contando a mulher que ela era:

Quando ela chegava, ela chegava, né. Era uma mulher interessante, era uma mulher de papo, de gargalhada, de... Uma generosidade enorme. E, logicamente, também sedutora.(PRAIA DOS OSSOS, 2020)

No dia do fato também havia outra pessoa na praia, Gabriele Dyer, alemã que esteve com o casal no dia do crime, segundo o *podcast* descrita:

Essa era a Gabriele Dyer, uma alemã que tinha chegado em Búzios fazia poucos meses. Aparentemente, ela ganhava a vida vendendo umas bolsas de pano que viravam tabuleiros de gamão. A gente até agora não entendeu como essa mágica da bolsa-tabuleiro acontecia, mas a Gabriele ia de praia em praia vendendo a mercadoria. Ou seja: ela era bem o tipo de hippie-ambulante que o delegado Watzl queria enxotar da cidade.(PRAIA DOS OSSOS, 2020)

Ainda conforme o episódio, Gabriele em seu depoimento para polícia, disse que Ângela a havia tocado de “maneira sensual”, o que teria desencadeado a fúria de Doca. Entretanto, a versão nunca foi realmente confirmada porque houve muitas idas e vindas na tradução do depoimento de Gabriele, o que causou certa confusão.

“Ângela era uma mulher anormal? Empurrou a vítima para o crime?” Essa era a chamada do repórter Sergio Chapelin, numa aparente chamada de rádio ou televisão da época.

Bom, vamos supor que a Ângela tivesse traído o Doca com o Pierre, ou que o Pierre tivesse drogado os dois, ou que a Ângela tivesse tentado seduzir a Gabriele. O que essas três histórias têm em comum é que elas amenizam a culpa do Doca. No limite, ele teria motivo para matar. A Ângela tava morta e enterrada em Belo Horizonte. Mas o Doca continuava lá, sofrendo. E ganhando a simpatia das pessoas. Entre elas, uma muito importante.(PRAIA DOS OSSOS, 2020)

Em seguida, Fritz d’Orey, amigo de Angela é inserido no episódio, ele conta sobre sua relação de proximidade com Ângela e como ele pediu para ela não ir com Doca para Búzios.

Logo em seguida, uma das principais testemunhas do crime aparece, Ivanira Gonçalves de Souza, que estava trabalhando na casa no dia.

“Não, eu não quero mais ficar com você, você vai embora.” (...) “Se quiser me dividir com homens e mulheres, pode ficar, seu corno.” (...) Aí foi tiro pra tudo quanto foi lado. Ela não deu um ai.(PRAIA DOS OSSOS, 2020)

Depois disso o episódio chega ao fim, mas é importante observar, que a todo instante o roteiro e a apresentadora reitera que a culpa nunca foi de Ângela, deixando claro que ela era vítima da situação.

“Doca era um apaixonado que perdeu a cabeça num momento de desespero e fez, do nada, algo totalmente fora do perfil dele. É o que chamam de crime passional.”(PRAIA DOS OSSOS, 2020)

Isso se deve porque na época, jornais, TVs, rádios e diversos populares colocaram Ângela como culpada da sua própria morte e Doca como uma simples vítima atraído por uma mulher mortal.

### **3.2.2 O Julgamento**

O segundo episódio, analisado, do *podcast*, nomeado “O julgamento”, ocorreu em 1979, é descrito pelo site da rádio novelo como: “Quando Doca Street vai a julgamento em Cabo Frio, o processo vira um “duelo de titãs” entre dois dos melhores advogados do Brasil. Surge uma manobra legal que muitos consideravam morta e enterrada. No segundo episódio de "Praia dos Ossos", acompanhamos às 21 horas do julgamento do assassino, três anos depois do crime.”

Ele é iniciado com arquivo de áudio da Rádio Nacional entrevistando duas mulheres, onde uma delas declara que Doca deve ser condenado, e a outra diz que Doca merece absolvição devido às circunstâncias do caso, já que, de acordo com esta segunda mulher, Doca teria matado por amor.

“Como já citado a morte de Angela e todo o decorrer já havia virado uma novela e esse julgamento era o último episódio que ninguém podia perder”. Esse episódio acompanhou as 21 horas do julgamento do Doca Street.

Agora tinha chegado a hora do julgamento – aquele último capítulo que ninguém podia perder. Imagina: teve gente fazendo fila desde a madrugada para entrar no tribunal. Na hora do julgamento, o tumulto mais parecia uma final de Brasileirão, com torcida e tudo. E a torcida do Doca tinha feito cartazes: “Cabo Frio está com você”, “O povo de Cabo Frio te absolve” (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Durante o episódio Branca introduziu a entrevista de Carlos Lins e Silva, filho do advogado Evandro Lins e Silva, que atuou na defesa de Doca. Carlos relembra como seu pai era bom no que fazia e como ele persuadia os jurados.

Eu nunca tinha visto meu pai atuar num júri e fiquei admirado como ele era convincente. Realmente ele tinha o dom da palavra e o dom da persuasão dos jurados. Uma experiência muito grande. Mesmo estando parado ele não tinha esquecido a receita, não. Ele ainda sabia. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Carlos relembra a tensão do tribunal, visto que aquela era a primeira vez que um julgamento seria filmado pela televisão.

Primeira vez que um julgamento foi filmado, e filmado o tempo todo. A televisão passou a noite inteira naquilo. Rádio transmitiu. Então era, havia um... tinha um clima de festa na cidade. Eu me recordo muito bem que eu fui em um automóvel levando meu pai e o Doca para o julgamento. Nós fomos os três a partir da casa que nós estávamos. Isso foi filmado pela televisão, a nossa chegada ao tribunal. Eu fiquei impressionado com o reconhecimento, a população toda tinha assistido. Um dia eu fui ao banco aqui no Rio e a pessoa disse: “O senhor era o motorista, não era?”. Eu disse: “Eu era o motorista” [risos]. O caixa do banco. Que mostra o... agora lá na cidade, era o acontecimento da cidade. Durante três dias a cidade viveu o júri do Doca. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Branca frisa o quão é polêmico um julgamento popular visto que são pessoas comuns, que provavelmente não conhecem o Código Penal, e se veem com o poder de decidir a culpa ou a inocência de alguém que nunca viram antes. O julgamento de Doca Street tornou-se um dos mais famosos da história do Brasil. Ele alegou que atirou em Ângela em legítima defesa, após uma discussão entre eles. No entanto, testemunhas afirmaram que Doca era violento e que o relacionamento era marcado por brigas e agressões.

No primeiro julgamento, Doca foi absolvido, o que gerou importante luta pelos direitos das mulheres e contra a violência de gênero. Segundo Barsted (2021, p. 3) “Em 1981, grande manifestação reuniu centenas de mulheres, diante da Igreja de São José, no centro de Belo Horizonte, que exibiam faixas e cartazes com a bandeira que se tornaria o símbolo da luta do novo feminismo que se anunciava no Brasil - “quem ama não mata”.



O homicídio chamou a atenção para a violência contra as mulheres e o machismo na sociedade. Além disso, o julgamento levantou discussões sobre o uso da legítima defesa em casos de violência doméstica e sobre a responsabilidade dos homens na proteção das mulheres.

Assim, os jurados, na realidade, acabavam julgando o comportamento das mulheres e não o do seu agressor. Expressões e adjetivações humilhantes, como adúlteras, traidoras, messalinas, diabólicas, relapsas no cuidado com a família e com os filhos, eram usadas pelos advogados de defesa para caracterizá-las como agentes provocadoras de homens honestos, bons chefes de família, trabalhadores que, sem outra alternativa, praticavam o crime. (BARSTED, 2021, p. 2).

O episódio vai se desenrolando falando a história de Evandro Lins e o quanto ele era um advogado criminalista excepcional. Logo se começa a falar do julgamento que aconteceu no dia 17 de outubro de 1979, às duas da tarde e teve mais de 11 horas só de leitura dos autos.

O promotor Sebastião Fador Sampaio dá início falando sobre o Doca e tentando descredibilizar ele. Em seguida, o episódio explora a fala de Evandro Lins e Silva, advogado de defesa de Doca Street.

O júri já viu que a sua origem é uma boa origem. Senhores jurados, ele é neto de um dos homens que tiveram a maior influência no Brasil, na legislação social do Brasil, porque inclusive participou da legislação trabalhista, no seu início (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

O *podcast* prossegue com o relato de Evandro no julgamento: “Senhores jurados, vejamos agora, uma vez que já traçamos assim ligeiramente um perfil de Raul Fernando do Amaral Street, vamos ver se podemos dizer o mesmo da vítima. Desgraçadamente, não o podemos fazer.”, sendo assim tentando descredibilizar a vítima morta.

A narrativa adotada pelo advogado de Doca de apresentar réu e vítima conforme os acontecimentos das suas vidas que precederam o crime fez com que o cenário perfeito fosse montado para alegação de legítima defesa da honra por parte de Evandro Lins e Silva.

“O Doca teria matado para proteger a própria honra, a própria imagem, ameaçada pelo comportamento da Ângela” (PRAIA DOS OSSOS, 2020). Entretanto, o episódio evidencia que o termo “nunca fez parte do código penal brasileiro”, é apenas um argumento.

O advogado continua descrevendo cada passo da vida de Ângela, desmerecendo a vítima e colocando em pauta a família honrosa do autor e principalmente defendendo a sua

honra.

O comportamento da Ângela era uma ameaça pra honra do Doca. Lembra: ela teria dado em cima de uma mulher na frente de todo mundo, depois terminado com ele e ainda chamado ele de cornu. A reputação dela de “pantera” era mais do que conhecida. E, por isso, a culpa não era dele de ter feito o que fez. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

A partir desse momento Doca começa a aparecer como a verdadeira vítima desse crime. Vítima da Ângela.

Ela provocou, ela levou a este estado de espírito, este homem que era um rapagão, um mancebo bonito, um exemplar humano belo, que se encantou pela beleza e pela sedução de uma mulher fatal, de uma Vênus lasciva. (...) “prostituta de alto luxo da Babilônia” e “pantera que arranhava com suas garras os corações dos homens”. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Quando o advogado da família de Ângela, Evaristo, entrou em ação, não podia perder tempo. Ele focou no momento do crime, introduzindo o júri de forma imagética à praia dos ossos e ao dia do crime.

O acusado desferiu o primeiro tiro contra a vítima acuada. O ombro esquerdo da vítima, constataram os peritos, estava todo sujo de cal. O primeiro disparo pega no braço da vítima, que estava se protegendo, e alcança esta região (...) Sai por esta região. E se fixa na parede. Pela altura do impacto da parede, os peritos puderam concluir que aquele disparo foi dado quando a vítima ainda estava sentada. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

O episódio vai sendo contado e narrado até que chega ao final dele, onde o juiz Francisco da Motta Macedo dá a sentença do autor:

Raul Fernando do Amaral Street, devidamente qualificado nos autos, (...) entendeu que o réu excedeu culposamente os limites da defesa. Considerando que o acusado fugiu, evitando a prisão em flagrante, condeno Raul Fernando do Amaral Street à pena de um ano e seis meses. Aumentando-a (...) para dois anos de detenção. Condeno ainda ao pagamento dos custos do processo, considerando que o réu... suspendo-a pelo prazo de três anos, [aplausos] aos dezoito dias do mês de outubro do ano de 1979. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Branca lembra que como Doca já tinha cumprido sete meses preso antes do julgamento, ou seja, já tinha cumprido mais de um terço da pena, então ele saiu livre, andando do tribunal.

Apesar de sair como um homem livre, a sentença foi interpretada de diferentes formas entre as pessoas.

A sentença foi vista de formas bem diferentes por cada núcleo dessa história. Pro fã-clubes do Doca, era motivo de comemoração. Pra defesa, foi “um resultado intermediário”. Pra acusação, o sentimento era de impunidade, e a certeza de um recurso. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Por fim o episódio insere duas pessoas importantes para o movimento feminista da época no Brasil, Hildete Pereira de Melo, professora e ativista da causa feminista, falar sobre a forma que a mulher foi julgada naquele tribunal, uma mulher que não está mais viva. E Jacqueline Pitanguy que, ainda segundo o *podcast*, foi amiga de Ângela na infância, lê o manifesto contra o machismo divulgado na mesma época do primeiro julgamento.

Queremos falar do caso Doca como símbolo do machismo na sociedade brasileira. Vemos no caso Doca Street um julgamento não só de Ângela Diniz, mas de todas as mulheres que, de algum modo, fogem ao modelo de comportamento prescrito para o sexo feminino. O julgamento de Doca expressa a maneira pela qual a sociedade brasileira resolve as relações de poder entre os sexos: o sexo masculino, aqui representado pelo senhor Raul Fernando de Amaral Street, pode impunemente punir uma mulher que não corresponde ao seu papel tradicional. Queremos deixar claro nossa revolta e indignação. (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Sendo assim, esses dois episódios são os escolhidos para fazer a análise do trabalho, no qual analisa a linguagem utilizada, o som, as sonoras, músicas e trilhas além da ambientação.

#### 4. PRAIA DOS OSSOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de pesquisa o *podcast* “Praia dos Ossos”, lançado entre agosto e setembro de 2020, do gênero documentário produzido pela Rádio Novelo. Composto por oito episódios com média de 60 minutos de duração, além de dois episódios extras, a produção aborda o assassinato da socialite brasileira Ângela Diniz. O tema definido tem como tema de pesquisa analisar os recursos de linguagem utilizados na construção narrativa do feminicídio de Ângela Diniz no *podcast* “Praia dos Ossos”.

A partir do problema de pesquisa, definiu-se verificar quais características do rádio digital estão presentes na construção da narrativa em “Praia dos Ossos” nos episódios um e dois, compreendendo as questões sociais envolvidas na história e como elas ajudaram na representação da vítima e do agressor; além de identificar o tratamento dado à questão do feminicídio na cobertura realizada pelo “Praia dos Ossos”; contribuindo para a discussão sobre o *podcast* jornalístico-narrativo como formato, e o caso específico de “Praia dos Ossos”.

Essa pesquisa seguirá pela organização da análise feita por Bardin, organizando-se em torno dos três pólos cronológicos citados por ela, pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. De acordo com Bardin a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações:

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após tratados. (Bardin, 1977, p. 38).

A análise foi feita a partir do tratamento de dois dos oito episódios publicados, além de documentos, entrevistas, monografias e artigos sobre o tema, criando uma linha teórica da linguagem dos dois episódios. No tópico 4.1 / 4.1.2 foi feita a descrição completa do episódio um, colocando trechos das falas do episódio. No tópico 4.1.3 também foi feita a descrição completa do segundo episódio do *podcast*. Já no subcapítulo 4.2 foi feita a análise de toda a linguagem desses dois episódios. No subcapítulo 4.3 foi a análise das estratégias de ambientação que os episódios adoraram e por final no subcapítulo 4.4 foi feita a análise de como o feminicídio foi tratado ao longo desses dois episódios.

Serão analisados de forma aprofundada os episódios um e dois, como mostra no quadro a seguir:

**Quadro 1.** Descrições dos episódios analisados

<b>EPISÓDIOS</b>	<b>EPISÓDIO 1</b>	<b>EPISÓDIO 2</b>
<b>NOMES DOS EPISÓDIOS</b>	O crime da Praia dos Ossos	O julgamento
<b>DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS</b>	Uma socialite, um playboy, uma praia paradisíaca, um assassinato, uma confissão. O feminicídio de Ângela Diniz seria um caso criminal simples. Seria.	O processo de Doca Street vira um duelo de titãs e surge uma manobra inesperada.
<b>TEMPO DE DURAÇÃO</b>	52 min	64 min

Fonte: Elaboração da Autora

As categorias de análise foram definidas de modo a responder aos objetivos elencados em cada item:

- a) Linguagem: nesta categoria serão buscados indícios da linguagem que indiquem determinado tratamento aos atores sociais da narrativa, como adjetivos, por exemplo.
- b) Estratégias de ambientação: aqui serão analisadas as estratégias utilizadas a fim de ambientar a história contada, quais recursos sonoros foram utilizados.
- c) Tema do feminicídio: neste item será observado se a questão legal acerca do feminicídio aparece nos episódios analisados;

Com isso, ao longo desses subcapítulos, vamos nos ancorar na historicização do processo de produção do *podcast* “Praia dos Ossos” e no detalhamento dos episódios 1 e 2, apresentados no capítulo anterior; analisando o *corpus* a partir dos três operadores metodológicos: linguagem, estratégias de ambientação e tema do feminicídio.

## 4.1 A Linguagem dos episódios

A linguagem utilizada no *podcast* “Praia dos Ossos” é bem clara, objetiva e simples. Nos episódios analisados um e dois, é contada a história de forma envolvente, cativando o ouvinte a continuar escutando e almejando mais episódios. Branca Vianna, apresentadora do *podcast* não apenas reconta o crime e o julgamento de Ângela Diniz e Doca Street, ao longo dos episódios, como busca esclarecer com entrevistas antigas e atuais feitas pela Rádio Novelo e documentos da época as circunstâncias e eventos responsáveis que levou a morte de Ângela Diniz e também a soltura de Doca Street no julgamento, apontando caminhos para quem ouvir ter interpretações do caso.

Ao longo dos episódios é perceptível a narração em primeira pessoa o que cria uma intimidade grande entre a apresentadora e o ouvinte. Traz uma sensação de que a apresentadora está falando com você, de forma pessoal e tendo um investimento emocional, sempre conduzindo a trama e aproximando o ouvinte do ambiente narrado.

Mesmo espiando por cima do muro, não dava para ver muita coisa. Mas dava uma sensação que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar. A sensação era de que, se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão. (...) Isso que você tá ouvindo é a descrição da cena do crime que motivou essa série. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Esse investimento emocional proporciona uma aproximação com os personagens, os seus sentimentos e também o de cada cena narrada, compartilhando assim elementos que situam o ouvinte em características singulares de cada personagem apresentada, dando pistas de como o interlocutor, preferencialmente, deve compreender esses personagens e seus posicionamentos na história narrada.

É importante destacar que a linguagem utilizada por Branca atua não somente na questão emocional dos personagens e da história como um todo, mas também um emocional próprio dela. Isso visto que ela ao longo dos episódios coloca seus sentimentos pessoais e os motivos que levaram ela a contar a história além dos que ela foi descobrindo ao longo da pesquisa.

Branca Vianna: No julgamento do Doca Street, a reputação da Ângela acabou virando uma prova contra ela. Aí, por causa disso, algumas mulheres começaram a se mobilizar. E, entre aquelas mulheres, tava a minha mãe. Durante a pesquisa pra este *podcast*, a Flora descobriu um manifesto, que surgiu depois do julgamento, com o título de "Contra o machismo na sociedade brasileira". E, entre as quatrocentas e tantas assinaturas, a Flora achou o nome da minha mãe, o nome da minha irmã, e o meu.

Eu tinha 17 anos naquela altura, e não tenho a menor lembrança de ter assinado aquele texto. A minha mãe deve ter botado na minha frente e me mandado assinar. Mas foi curioso reencontrar aquela assinatura quarenta anos depois. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1)

O “Praia dos Ossos” é inteiramente roteirizado, incluindo trechos de entrevistas, cenas captadas, com falas e ações que foram construídas, estruturadas e planejadas pelo narrador. O roteiro criado é espontâneo e bem coloquial, por isso Branca verbaliza dúvidas, impressões e opiniões acerca dos acontecimentos ali narrados, materializando elementos metalinguísticos ao refletir sobre as escolhas narrativas e de produção ao longo dos episódios.

É difícil entender por que a história do Pierre durou tanto. Eu só consigo pensar que talvez tivesse uma vontade generalizada de achar algum motivo pro crime além do ciúme exagerado do Doca. O francês misterioso chegou pra preencher esse buraco, fornecendo uma traição. Um crime que a Ângela teria cometido, e que custou a vida dela. E, de quebra, ainda inspirou um roteiro do Jece Valadão. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Seguindo essa linha de raciocínio, não precisa punir o passional com pena de reclusão, porque ele não vai reincidir. Nunca fez nada parecido antes, e não vai fazer depois. Agora, dá pra pensar o contrário: quem age no impulso uma vez, pode perfeitamente fazer de novo. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Os episódios um e dois são narrados de forma fluida dando contornos mais humanos aos envolvidos. Vianna usa uma entonação e características para descrever em detalhes os personagens, as cenas e os acontecimentos sem se perder na narrativa. Com isso ela proporciona a quem está ouvindo uma imersão no acontecimento através da imaginação, estimulando os sentidos, como se o ouvinte estivesse ali naquele momento presenciando toda a cena, transportando o ouvinte para aquele lugar, naquele tempo, para dentro daquela história.

Tenta imaginar a salinha do fórum de Cabo Frio: apinhada de gente num calor de outubro, sem ar condicionado – e o calor piorado ainda pelas luzes da câmeras de TV. Isso sem falar no fumacê, né, porque era '79, todo mundo fumava em todo lugar. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

O primeiro episódio é o que ganha o ouvinte, tem toda uma questão de trilha sonora, de som ambiente, silêncio, música, ambientação, sonoplastia entre diversos outros recursos, porém além de tudo isso, a descrição que se faz dos personagens é um ponto que faz o ouvinte cativar a querer conhecer mais daquela pessoa, saber o que ela fez e toda a sua história, criando assim uma conexão com eles. Isso porque os personagens e as cenas

descritas parecem estar no presente: “Isso que você tá ouvindo é a descrição da cena do crime que motivou essa série.” (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

A narrativa, o roteiro, interfere diretamente no que se quer transmitir, para além da escolha das palavras certas e o que permite um contato direto com o ouvinte e principalmente se esse ouvinte vai continuar escutando os episódios seguintes.

Além disso, a apresentadora dá ritmo às palavras quando dá pausas, acelera ou enfatiza a palavra, ajuda o ouvinte a entender melhor a história, a ter um ritmo a focar no que realmente interessa, além de proporcionar um “prazer estético” dando uma harmonia a história.

Ela costumava dizer: “sou rica, bonita e boa de briga.” E ela tinha também um apelido bem à altura desse combo. Era chamada de: “A Pantera de Minas”. Sabe essas pessoas que você não entende direito por que são famosas, mas estão sempre nas revistas? Ela era assim, desde a adolescência. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Mas repara que o Evandro não escolhe uma palavra pejorativa para falar desse destino inevitável. Não usa nem uma palavra neutra, tipo “propensão”. Ele usa a palavra “talento”, que é claramente positiva. Segundo ele, o Doca tinha talento para a tragédia. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Assim Branca consegue estimular imagens mentais no seu ouvinte e orienta o tempo cronológico e psicológico da história. O roteiro dos episódios ainda coloca Branca junto a história, ela não é somente uma narradora, ao longo dos episódios ela se entrelaça com Ângela Diniz, com o crime e com o julgamento, criando e mantendo um diálogo estabelecido entre a apresentadora e a audiência, criando uma nova resignificação do caso para o público.

Deu pra notar que quem tinha talento era o Evandro, né? Agora: se a defesa tinha o Evandro Lins e Silva, a acusação, do outro lado, tinha outra estrela do Direito Criminal brasileiro: o Evaristo de Moraes Filho. O Evaristo era dono de um vozeirão, de um bigode grosso, e mãos expressivas. Diziam que era um dos melhores criminalistas do país. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Mesmo que todos já saibam o final da história onde Ângela foi morta pelo seu namorado a rádio Novelo conseguiu trazer mais uma estratégia de linguagem, onde escolheu liberar cada episódio semanalmente, o que se relaciona bastante com a linguagem de suspense a que se propõe.

Ele prolongou o clímax de cada episódio criando um suspense, interrompendo a cena contada no auge da tensão, pulando para alguma outra cena que acontecia paralelamente, criando assim uma tensão dramática retardando o final do episódio.



Até agora não deu pra gente contar muito da vida da Ângela, e a gente vai fazer isso com calma no próximo episódio. Mas só uma mini-bio express aqui: A Ângela Diniz nasceu em Curvelo, uma cidadezinha perto de Belo Horizonte, filha de um dentista e uma dona de casa. Ela se casou com dezoito anos e teve três filhos. Aos 26, ela se separou, e o marido ficou com a guarda dos filhos. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Por fim, no site cada episódio conta com fotos de pessoas e de arquivos que se relacionam ao tema do que é narrado, além dos áudios e os roteiros transcritos, por isso que a toda oportunidade, ao longo dos episódios, Branca chama os ouvintes a ir até o site, seja para ver fotos do fato em que ela está falando no momento ou até mesmo ler cada episódio.

Tem algumas Polaroids daquele dia. Dá pra ver no site da Rádio Novelo. De todas as fotos, uma ficou mais famosa. Nela, a gente vê a Ângela Diniz, sentada na areia, com a Ângela Teixeira do lado dela. Atrás das duas está o Doca, com as mãos pousadas no ar. Parece que ele acabou de ajustar o chapéu da Ângela Diniz. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Vale ressaltar que Branca entrega essas informações sem prejudicar os personagens, e ao fazer isso torna uma maneira de envolver ainda mais as pessoas que acompanham a trama. Desta forma, Branca fala ainda mais diretamente com o público, o que é outra forma de conexão com a história.

## **4.2 Estratégias de ambientação**

Ao longo da evolução dos *podcasts* foi se criando várias estratégias de ambientação para melhorar a experiência do ouvinte e da história contada. No “Praia dos Ossos” não foi diferente, foram usados vários recursos para a construção desse caso.

Entre esses recursos está a entonação da voz, onde a apresentadora dá enfoque no que ela quer destacar, além de manter uma entonação regular a todo momento. O silêncio é usado para criar tensão e despertar a atenção do ouvinte. Os efeitos e trilhas sonoras, para imergir o ouvinte na trama, fornecem mais elementos para que ele possa construir os cenários na sua imaginação. Faz-se a descrição das cenas, criando uma ambientação quase cinematográfica de cada local narrado. E por fim a utilização de sonoras dos entrevistados e dos documentos resgatados, sendo um recurso que aproxima o ouvinte e também atuando para autenticar a veracidade da história.

Todas essas questões ajudam muito a construir e despertar a imaginação de quem ouve fazendo a pessoa se inserir dentro da história, vivendo aquele momento narrado; por isso, analisamos esses recursos utilizados dentro do “Praia dos Ossos” nos episódios um e dois.

#### 4.2.1 A Voz e o silêncio

A voz é um dos principais instrumentos da linguagem radiofônica, ela conecta o ouvinte à mensagem passada. E no *podcast* “Praia dos Ossos”, Branca Vianna utiliza uma narração forte, pausada, grave e decisiva, relacionando os personagens aos ouvintes, sendo essa uma parte fundamental para o sucesso do *podcast*.

A narrativa dos episódios analisados é construída a partir de outros elementos além da voz humana, porém ela continua sendo um dos elementos principais para a compreensão do conteúdo. Os diálogos criados, as emoções nas palavras usadas, a construção de cada personagem ali apresentado ajuda a construção de uma narrativa completa.

A voz e a sua entonação dão vida ao texto e revisita os fatos da trama, podendo compreender o cenário ali retratado, o sentimento e as expressões dos personagens e suas características físicas e emocionais, diante disso a voz consegue conquistar e imergir o ouvinte na história.

Ao longo dos dois primeiros episódios vamos percebendo a transmissão das emoções na entonação da voz da apresentadora, ela consegue transmitir a surpresa, a tristeza, a alegria, a apreensão e todas as emoções humanas no vocal. Isso é o que faz um *podcast* ser ainda mais interessante, visto que diferente do vídeo o *podcast* tem apenas voz para fazer a emoção.

Eu vou... não tem ninguém, a gente já sabe que não tem ninguém, então eu vou olhar por cima do (...) Mesmo espiando por cima do muro, não dava para ver muita coisa. Mas dava uma sensação que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar. A sensação era de que, se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Mesmo espiando por cima do muro, não dava para ver muita coisa. Mas dava uma sensação que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar. A sensação era de que, se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

A emoção de cada cena e de cada personagem transcrita na voz da apresentadora vai desde o começo do primeiro episódio até o final, tendo uma linearidade. Conforme também

vai acontecendo os fatos ela narra de acordo, por exemplo, quando ela fala a descrição da cena do crime ela entra na narração em um estado de paranoia e desconforto emocional.

Vou ler o laudo do perito... Da vítima: tratava-se de um cadáver do sexo feminino (já em início de rigidez cadavérica), de cor branca, aparentando 32 anos de idade, estando bastante impregnado de sangue coagulado. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

As emoções de cada cena ali narrada é apenas uma das questões, falar fazendo pausas ajudou muito na construção da história dando enfoque em pontos estratégicos. Os episódios um e dois trazem muitas informações e se Branca tivesse narrado em uma velocidade rápida e constante poderia causar dificuldades de interpretação no ouvinte, não dando tempo de processar e assimilar o que está sendo falado ou o que aconteceu naquele momento.

Foram onze horas de um texto muito técnico, muito detalhado... e muito chato. Mas fica tranquilo que a gente vai te poupar disso aqui no Praia dos Ossos. O que interessa mesmo, o debate entre a acusação e a defesa, foi começar só lá pelas duas e meia da manhã. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Essas pausas estratégicas que a narradora faz ao longo dos episódios é um ponto-chave para enfatizar algo e também se alguém estiver escutando e fazendo algo simultaneamente, as pausas ajudam para que as pessoas não percam o raciocínio.

Outro ponto importante na voz é a sua entonação, Branca faz essa entonação muito fortemente nos episódios, proporcionando diferentes entonações dependendo do que será falado na hora e qual sonora irá entrar, proporcionando assim diferentes comportamentos de determinados personagens.

Isso é bem perceptível quando ela vai introduzir alguém, por exemplo, quando vai falar do Evaristo, um dos advogados de Doca, ela coloca uma entonação mais forte e seca, fazendo o ouvinte entender que está falando de uma pessoa importante e séria.

Mas o Evandro encarou o desafio. E boa parte das pessoas que se acotovelavam por um lugar no tribunal de Cabo Frio queriam ter a chance de ouvir o ex-ministro de volta ao tribunal. E quando você for ver, Evandro era o advogado perfeito para defender o Doca. Não só pela reputação, mas porque ele tinha o poder de roubar os holofotes. Esse trabalho, aliás, começou bem antes do julgamento. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Já quando vai falar da amiga de Ângela, sua xará, Ângela Teixeira de Mello, ela coloca de uma forma mais leve: “A gente entrevistou uma das amigas da Ângela, xará dela,

Ângela Teixeira de Mello. E claro que, entre outras coisas, a gente perguntou se ela lembrava do Pierre.”

Essas diferenças de entonação podem mudar todo o sentido da frase e da personalidade do sujeito, além de permitir a compreensão da história do personagem dentro da história contada e da cena. Para além, o ritmo de fala, as expressões e as perguntas retóricas facilitam o entendimento da cena e do personagem, mostrando o que cada um representa na história seja ele um advogado, a vítima, o autor ou uma amiga.

O silêncio também faz parte, dentro dos *podcasts* ele vem com várias funções, dentre elas está inspirar sensações, respiro e enfatiza tensões de uma cena, dessa forma ele proporciona diferentes sensações ao ouvinte.

No “Praia dos Ossos”, o silêncio não é tão usado, o que Branca faz com frequência são pausas entre as narrações como respiro para ela e também para o ouvinte entender que nesse momento outra pessoa irá falar ou o personagem irá mudar. Como é feito nesses trechos:

O Evandro era um advogado experiente. Mas dessa vez, ele ia falar pro maior público da carreira dele.(...) A mobilização da imprensa dá uma ideia do tamanho do barulho. A Globo levou treze carros de transmissão e uma equipe de 68 pessoas entre técnicos e repórteres. Isso só a Globo. Fora eles, tinha quase cem jornalistas de outros meios. Saiu uma charge na época, com um cara perguntando pro outro: “Você acha que o Doca Street vai pegar cadeia?”. E o outro responde: “Pega. Cadeia de televisão, rádio, jornal...” (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Nos episódios um e dois essas pausas silenciosas, traz uma sensação de inquietude especialmente quando presentes nos diálogos entre a narradora e os entrevistados além de ser utilizado para digerir os acontecimentos da trama, causando a impressão que algo importante será falado logo em seguida.

#### **4.2.2 Efeitos sonoros e ambientação**

Os efeitos sonoros têm grande importância seja em *podcast*, filmes, séries e novelas. Ele ajuda o telespectador/ ouvinte a imaginar e sentir a cena transmitida. Por exemplo, quando se está assistindo um filme de terror, se você analisar bem vai perceber que o som da cena era o que te deixa com mais medo do que do monstro em si.

Esses efeitos têm essa função em fazer você sentir e imaginar aquela que não está sendo mostrado. Além disso, é um recurso que sinaliza o que se passa na cena, indicando

ambiente e movimentação dos personagens. Ele funciona como indicativo que permite o entendimento da cena sem o auxílio da descrição.

Nos episódios um e dois do “Praia dos Ossos”, os efeitos sonoros são explorados ao máximo. O primeiro episódio já começa com o efeito sonoro do som da água do mar, das ondas fazendo com que o ouvinte imagine a praia e o mar e também remete ao fato do crime ter acontecido em uma casa de praia.

Na sequência é possível ouvir o barulho de passos andando próximo à areia e ali já começa uma conversa onde o que se está imaginando e conformado quando é falado que estão procurando a casa que Ângela Diniz foi morta na Praia dos Ossos.

Branca Vianna: Olha que... vai ser aquela lá, hein.

Flora Thomson-DeVeaux: Será?

Branca Vianna: Ou essa aqui?

Flora Thomson-DeVeaux: Não, essa da direita, não.

Branca Vianna: Essa aqui, não?

Flora Thomson-DeVeaux: Essa aí, não sei.

Branca Vianna: Essa gravação foi feita em junho de 2019. Naquele mês, eu fui pra Búzios com a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora deste podcast. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Esse é um recurso interessante para a imersão na história e para o entendimento da narrativa. Isso faz com que o ouvinte tenha curiosidade para saber o que está por vir nos outros episódios.

Nem sempre os efeitos sonoros utilizados precisam ser realistas, pode ser mais abstrato ou até mesmo surrealista, quando não se usa sons tão óbvios. Por exemplo, no episódio dois, quando Branca entrevista o filho do advogado do caso Carlos Lins e Silva, no começo é possível perceber que ela ou ele está chegando em algum lugar, está abrindo alguma porta, porém não deixa claro em que lugar isso está acontecendo. Não se pode afirmar se foi ele ou ela que chegou, qual porta está se abrindo.

Esse efeito deixa quem está ouvindo construir as sensações presentes na cena e imaginar da forma que quiser. Isso ajuda muito o ouvinte a fazer reflexão da cena e de como foi aquela conversa, assim consegue absorver a história de forma mais completa.

É importante analisar também a forma como esses efeitos entram na cena e como eles saem. Pois essas decisões são importantes para refinar e definir o som. A exemplo quando Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux conseguem achar a casa onde aconteceu o crime, o barulho de pés andando e do mar acabam, trazendo a ideia de que uma cena acabou e agora outra irá começar.

Com o decorrer do episódio o ouvinte vai conseguindo reconhecer facilmente os efeitos usados e imaginando cada cena com mais clareza e entendimento. O que ajuda muito nisso é a junção dos efeitos sonoros juntamente com a descrição da cena e sua ambientação do que está acontecendo. O “Praia dos Ossos” tem essa característica muito forte, onde faz a junção desses dois recursos proporcionando uma experiência rica em detalhes.

A gente ficou a maior parte do tempo de costas pro mar, examinando uma fileira de casas a poucos passos da areia. Parecia que a gente tava tentando identificar o culpado naquelas filas de suspeitos na delegacia, sabe? (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Dessa forma o *podcast* consegue ambientar de maneira que as personagens possam interagir com o espaço e contextualizar o ouvinte no local da cena, provocando a imaginação do público “descrevendo imagens”.

O “Praia do Ossos” consegue criar essa ambientação de forma muito natural e equilibrada, como acontece no episódio dois, onde Branca pede para o ouvinte imaginar o fórum onde iria acontecer o julgamento.

Tenta imaginar a salinha do fórum de Cabo Frio: apinhada de gente num calor de outubro, sem ar condicionado – e o calor piorado ainda pelas luzes da câmeras de TV. Isso sem falar no fumacê, né, porque era '79, todo mundo fumava em todo lugar. O juiz, Francisco da Motta Macedo, se posicionou entre uma bandeira do Brasil e uma cruz enorme na parede. Pra compensar a presença discreta, o que ele mais fazia era tocar uma campainha pedindo silêncio e ameaçando evacuar a sala – o que nunca aconteceu. É difícil dizer se Motta Macedo tava movido por uma vontade genuína de controlar a bagunça, ou se ele só tava se empenhando pra aparecer um pouco mais. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Assim os episódios um e dois vão sendo narrados e ambientados, construindo um espaço dentro da imaginação, fazendo com o que cada um localize e imagine os personagens e seus envolvimento com os ambientes ali narrados.

#### **4.2.3 Música e trilha sonora**

Desde a criação do rádio a trilha sonora e as músicas são um dos elementos mais utilizados na linguagem radiofônica. Elas podem ser consideradas partes de um mesmo elemento, e são diariamente utilizadas como uma forma de conduzir emocionalmente a história.

Desde o começo do primeiro episódio do “Praia dos Ossos” já é possível ver fortemente a utilização de trilhas sonoras. Quando Branca estava narrando quem era Ângela Diniz e a descrição da cena do crime já começa a se ouvir como se fosse “barulho de tambor batendo” introduzindo um suspense na história.

Na sequência, quando é introduzido o autor do crime Doca, uma trilha lenta de suspense e até um pouco melancólica, que parece estar sendo tocada por um piano, começa a tocar, indicando que o personagem narrado mudou e ainda que a história está se desenvolvendo. Essa trilha fica ao fundo enquanto Branca conta a vida de Doca e o motivo que levou ela a escolher contar essa história.

A trilha que marca o ponto inicial que a história começa ser contada depois da introdução é de suspense mostrando que é um caso de morte, de crime, de mistério. Causando a quem está ouvindo curiosidade e até mesmo um pouco medo, por não saber o que vem ou o que acontece depois.

No episódio dois a trilha continua a se repetir, querendo transmitir as mesmas sensações do episódio um e também falando de forma involuntária que os episódios são uma sequência um do outro, que eles têm ligação entre si, mostrando que é o mesmo caso sendo destrinchado em várias vertentes ao longo dos episódios.

Essa trilha utilizada no *podcast* tem o poder de causar um gatilho para diversas emoções, podendo gerar em quem está escutando angústia, tensão, aflição, ansiedade, medo, revolta e curiosidade.

Um ponto importante é que quando a trilha ou a música entra em cena nos faz refletir e enriquece o material ali narrado, fazendo o ouvinte se envolver na história.

A trilha de abertura do *podcast*, começa a aparecer ao longo da trama, primeiro de forma discreta e vai aparecendo cada vez em mais cenas e com um volume cada vez maior conforme o episódio vai se desenvolvendo os fatos narrados são de extrema importância.

A trilha e as músicas utilizadas não aparecem sempre para estabelecer o tom emocional da narração, às vezes é utilizada como um recurso narrativo para chamar atenção daquela no que está sendo falado naquele momento ou para introduzir alguma sonora na história.

A medida que vai se contando a narrativa ao longo de cada episódio, as trilhas e músicas começam a aparecer com mais frequência, a história vai criando a sensação de que está se encaminhando para um acontecimento clímax do episódio.

#### **4.2.4 Sonoras e inserções**

O “Praia dos Ossos”, por se tratar um *podcast* jornalístico utiliza bastante de inserções sonoras, como trechos de gravações de rádio da época do crime, gravações que a própria apresentadora fez com entrevistados e também utilizou de uma narração de locutor para falar o que foi escrito na época e está impresso.

Essas inserções sonoras ajuda muito a entender como de fato aconteceu, como era realmente a opinião das pessoas na época, também para poder ilustrar da melhor forma a voz dos personagens além de ser uma ferramenta para aprofundar e credibilizar a história.

No “Praia dos Ossos”, as inserções dão credibilidade ao que a Branca está narrando. Ela utiliza de áudios gravados da época, como por exemplo, do julgamento, para ilustrar o que ela está falando confirmando o que de fato aconteceu.

Branca Vianna: Ele tá falando sobre o Doca, saindo da casa que ele dividia com a Adelita Scarpa, ex-mulher dele.

Sebastião Fador Sampaio: Nem sequer ela deixou, jurados, que ele levasse as malas, porque as malas não eram dele. Eram da Adelita. Levou suas roupas em trouxas. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Além disso, ela utiliza de entrevistas realizadas exclusivamente para o “Praia dos Ossos” com pessoas de extrema relevância para a história contada, sejam pessoas que viveram a época, ou que conheciam os personagens.

Paulo “Badhu”: Porque eu fui entrevistado como advogado, o que é que achava do crime e tal. Eu digo: “eu não conheço, mas algo deve ter acontecido, né?” Alguma espécie de defesa dele. Ele tava lá escondido e viu na televisão. Então, quando ele chegou aqui, ele chegou na delegacia e pediu ao delegado doutor Newton Watzl: “eu queria que o senhor me chamasse aquele advogado que se apresentou antes de ontem na TV Globo.

Branca Vianna: A gente foi conversar com o Paulo Badhu na casa dele, em Cabo Frio. Em cima do aparador da sala, entre as fotos da família, tinha duas do Badhu com o cliente mais ilustre dele, o Doca.

(PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

É importante destacar que mesmo colocando pontos de vista de quem “julgou” Ângela Diniz a apresentadora reforça a todo instante que Ângela era a vítima e que era Doca que realmente deveria estar sendo julgado.

Com isso Branca coloca perspectivas diferentes ao longo dos episódios, não existe o certo e o errado, existe o fato, ela narra eles e deixa você pensar.



### 4.3 Femicídio na Praia dos Ossos

O relacionamento de Ângela e Doca era intenso e conturbado. Doca era conhecido por ser violento e possessivo. Durante uma viagem para Búzios, o relacionamento dos dois se deteriorou ainda mais e na noite do crime, eles tiveram uma briga que acabou em tragédia. Doca alegou que a matou em legítima defesa, pois ela teria tentado atirar nele com uma arma.

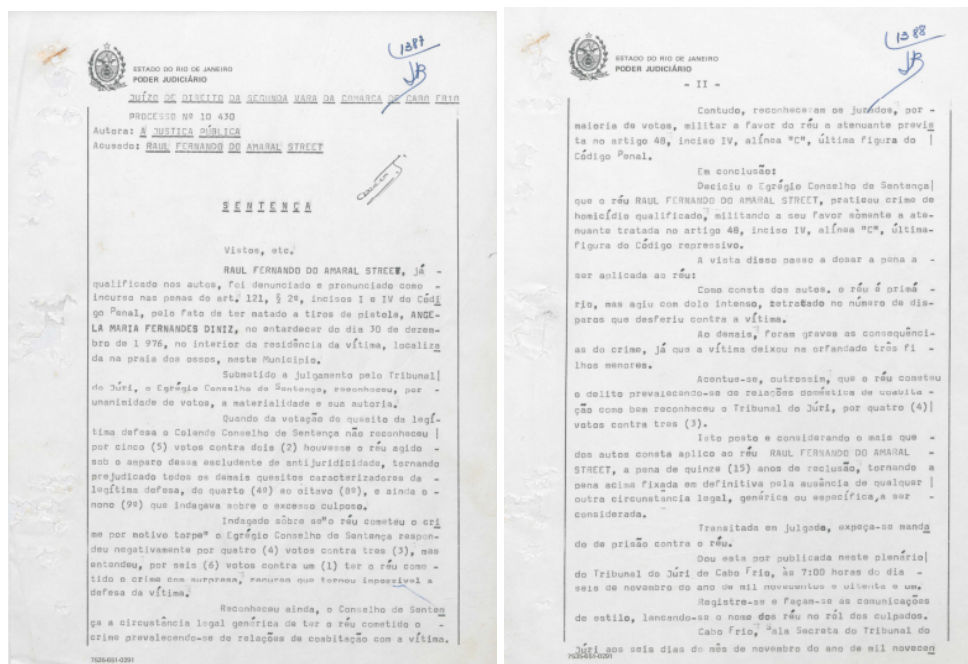
Doca foi acusado de homicídio e levado a julgamento em 1979. O julgamento foi bastante polêmico e contou com muitas reviravoltas. No tribunal, Doca foi descrito como um homem bom, que foi enfeitiçado por uma “mulher fatal” que o seduziu e o desvirtuou, que mereceu seu infeliz fim.

A defesa de Doca alegou que ele agiu em legítima defesa e que Ângela era uma pessoa violenta e a tese apresentada era de legítima defesa da honra, a fim de desacreditar e desmoralizar a vítima pela sua escolha sexual e sua dependência por drogas.

Sendo assim, condenado por excesso culposo de legítima defesa, Doca recebeu uma pena de 18 meses pelo crime e seis meses por fugir, pena suspensa porque ele já havia cumprido sete meses na prisão antes do julgamento, podendo cumprir em liberdade.

Ao pesquisar o caso, pôde-se encontrar o documento sobre a sentença:

Figura 2 - sentença dos autos processuais de Doca Street



Fonte: Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro / Elaboração da Autora

Após uma forte mobilização social, com protestos, o milionário foi levado a julgamento novamente em novembro de 1981 e condenado a uma pena de 15 anos, cumprindo apenas três desses anos, onde obteve liberdade condicional.

O caso de Ângela Diniz ganhou repercussão internacional, sendo noticiado em jornais de todo o mundo. O crime passional chocou a sociedade brasileira e levantou questões sobre a violência contra a mulher e a impunidade no país. O caso teve um impacto significativo na justiça brasileira, especialmente no que diz respeito à violência contra a mulher. A partir daí, foram criadas leis mais rígidas para punir agressores e proteger as vítimas, como o feminicídio.

Palavra tão pequena que significa matar uma mulher por ser mulher. Esse é o nome para crime de homicídio, fruto do ódio à mulher e da inferioridade da mulher. As características do crime são determinadas pelas circunstâncias específicas. A parte principal é o fato de ser mulher (Xavier, 2019, p. 1 e 2).

Este é um crime caracterizado pelo homicídio de uma mulher em decorrência de violência doméstica ou de gênero. O termo foi criado para identificar casos em que a vítima é morta simplesmente por ser mulher, em um contexto de discriminação e desigualdade de gênero.

De acordo com Abreu et. al (2018, p. 2)

O termo feminicídio surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema.

O feminicídio é considerado um crime hediondo e é uma das formas mais graves de violência contra as mulheres. Ele pode ser cometido por parceiros ou ex-parceiros, familiares, conhecidos ou estranhos, e é uma forma extrema de controle e violência que busca manter a submissão das mulheres.

Em 08 de março de 2015, dia que é comemorado o Dia Internacional da Mulher, o feminicídio foi reconhecido como Lei Federal 13.104/15, popularmente conhecida como “Lei do Feminicídio”, pela qual mulheres são mortas em razão de seu gênero, ou seja, a vítima é morta por ser mulher.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de

homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Homicídio simples

Art. 121. ....

Homicídio qualificado

§ 2º .....

Feminicídio

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:

§ 2º -A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Aumento de pena:

§ 7º A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.” (NR)

Art. 2º O art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte alteração:

“Art. 1º .....

I - homicídio (art. 121), quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente, e homicídio qualificado (art. 121, § 2º, I, II, III, IV, V e VI);

” (NR)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

A lei do feminicídio foi elaborada por recomendação do Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (CPMI), grupo que analisou a violência contra a mulher nos estados brasileiros de março de 2012 a julho de 2013.

O crime de feminicídio foi acrescentado ao rol de crimes hediondos quando foi incluído no Código Penal como condição para o homicídio (Lei nº 8.072/1990), tal qual o estupro, genocídio e latrocínio, entre outros.

Por ser uma forma de homicídio, o feminicídio acarreta pena mais severa do que o simples homicídio. Enquanto uma pessoa condenada por homicídio simples pode pegar de 6 a 20 anos de prisão, uma pessoa condenada por feminicídio pode pegar de 12 a 30 anos de prisão.

É importante ressaltar que a maioria dos casos de feminicídio ocorre dentro da própria casa da vítima, e muitas vezes é precedido de anos de violência doméstica, que inclui agressões físicas, psicológicas e sexuais. O feminicídio é um problema global, mas é especialmente comum em países em desenvolvimento, onde a cultura de machismo e a impunidade podem tornar a violência contra as mulheres mais comum e tolerável.

Para combater o feminicídio, é necessário criar políticas públicas que visem a prevenção da violência contra as mulheres, o fortalecimento da rede de proteção e assistência às vítimas, a criação de leis mais rigorosas para punir os agressores e a educação da população para a igualdade de gênero e o respeito aos direitos das mulheres.

O feminicídio é uma questão que envolve a todos, e é importante que a sociedade como um todo se engaje na luta contra a violência de gênero e na promoção dos direitos das mulheres.

O “Praia dos Ossos” não é um *podcast* somente sobre uma pessoa, um crime, um julgamento, uma mulher. Ele fala sobre a morte de milhares de mulheres vítimas do feminicídio no Brasil e no mundo.

O caso Ângela Diniz que foi morta com quatro tiros por Doca Street, retratado no *podcast* mostra o começo de um marco e uma grande reviravolta para o movimento feminista no país. Logo após o primeiro julgamento de Doca, quando foi inocentado por ‘legítima defesa da honra’. A ampla cobertura da mídia que colocou Ângela como uma libertina em vez de uma mulher livre, fez a entender que ele a matou, mas na mídia, na opinião pública, ele é a vítima.

Os movimentos feministas da época não aceitavam o argumento de crime passionai e de legítima defesa da honra e gritaram para todos: “quem ama, não mata”, causando uma grande movimentação durante as décadas de 1970 e 1980. Essa mobilização resultou em um segundo julgamento, que aconteceu dois anos depois, onde Doca foi condenado a 15 anos de prisão.

Após o caso do Doca, deu impulso à causa feminista, que passou a se organizar como um movimento social. Branca retrata ao longo dos episódios um e dois a questão de que Ângela foi morta vítima de um feminicídio e o movimento feminista da época.

Branca Vianna: A gente pediu pra Jacqueline Pitanguy, que era uma das lideranças feministas na época, pra ler um trechinho.

Jacqueline Pitanguy: "Queremos falar do caso Doca como símbolo do machismo na sociedade brasileira. Vemos no caso Doca Street um julgamento não só de Ângela Diniz, mas de todas as mulheres que, de algum modo, fogem ao modelo de comportamento prescrito para o sexo feminino. O julgamento de Doca expressa a maneira pela qual a sociedade brasileira resolve as relações de poder entre os sexos: o sexo masculino, aqui representado pelo senhor Raul Fernando de Amaral Street, pode impunemente punir uma mulher que não corresponde ao seu papel tradicional. Queremos deixar claro nossa revolta e indignação." (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 2).

Para além ela reforça a todo instante que Ângela era a vítima, pois desde o dia do crime até o primeiro julgamento, Doca passou a ser vítima de uma mulher na qual ele matou.

Sergio Chapelin: Uma tese: Ângela era uma mulher anormal? Empurrou a vítima para o crime?

Branca Vianna: Queria só chamar a atenção para a palavra vítima aqui. Estamos falando de um assassinato, né, de que a Ângela Diniz foi a vítima. Mas nessa versão, parece que a Ângela teria empurrado o Doca para fazer o que ele fez. E aí, a vítima seria ele. (PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Esses pontos questionados por Branca nos episódios é de extrema importância, pois reconta quem de fato foi julgado e deixa claro para quem está ouvindo hoje quem era a vítima e quem era o autor, contado de forma clara e sem acusações um fato incontestável no qual Ângela foi morta e Doca a matou.

Branca tenta de certa forma fazer uma retratação de quem era a Ângela já que na época denominaram ela como anormal, julgaram sua vida, seu passado, suas escolhas e sua liberdade. Isso é bem colocado quando resgata a entrevista de um repórter da época com uma das testemunhas, Gabriele Dyer.

Mas o que a Ângela teria feito de tão terrível? Pelo jeito, a imprensa achava que a alemã tinha a resposta. E a chave tava ali, na palavra “anormal”.

Repórter: Você teria notado no comportamento de Ângela alguma coisa que pudesse ser classificado como uma inclinação anormal, um certo encantamento por você?

Gabriele Dyer: No, nothing.

Repórter: Não, nada disso.

Gabriele Dyer: She was not that kind

(PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

O fato é que as pessoas julgaram Ângela por ser uma mulher livre, com pensamentos e atitudes a frente da sua época.

Branca Vianna: Só um parêntese aqui. Porque a gente perguntou pro Paulo Badhu o que ele queria dizer com isso, que as pessoas de lá não gostavam da Ângela.

Paulo “Badhu”: Ela andava de biquíni com vestido de rede, quer dizer, os peitos todos de fora.

Branca Vianna: Não conseguimos confirmar essas histórias em lugar nenhum. Mas meio que não importa se isso aconteceu ou não, porque é aquela história, né: reputação é tudo. E a reputação da Ângela era essa. Uma mulher meio perigosa.

(PRAIA DOS OSSOS, 2020, EPISÓDIO 1).

Recontar a história do crime contra Ângela Diniz e o seu julgamento não foi fácil para Branca Vianna. Visto que a vítima foi julgada na época mesmo sendo morta e também pelo fato de que muita coisa ainda não mudou, até os dias de hoje, passados quase quatro décadas,

as mulheres ainda continuam sendo questionadas e julgadas, tendo suas vidas expostas em defesas que tentam responsabilizá-las pelas próprias mortes. Várias “Ângelas” continuam sendo assassinadas todos os dias e de diferentes maneiras.

## 5. CONCLUSÃO

A análise dos recursos de linguagem utilizados na construção da narrativa do *podcast* “Praia dos Ossos” demonstrou a importância desses elementos na criação de um produto sonoro cativante e envolvente. O uso do som, da ambientação, da descrição de personagens e da estruturação da história foram essenciais para prender a atenção do público e contar uma história complexa e emocionante.

A estratégia de inserção de elementos que estimulam a imaginação do ouvinte, como entrevistas, sons ambiente e músicas, e até elementos multimídia, como fotos e materiais complementares no site, fez com que a produção conseguisse oferecer uma experiência imersiva para o ouvinte, criando assim um ritmo narrativo envolvente na história.

Foi possível observar também que a escolha das palavras para abordar uma temática tabu, a variação de ritmo e o uso de pausas e silêncios foram elementos acionados para criar um clima de tensão e mistério, prendendo o ouvinte na narrativa. A ambientação da história também foi um recurso importante para situar o ouvinte no tempo e no espaço e ajudar a construir a atmosfera do relato.

A descrição dos personagens foi outro aspecto relevante na narrativa, pois permitiu que o público se identificasse com os personagens e entendesse suas motivações e ações. Além disso, a estruturação da história em diferentes episódios contribuiu para manter o interesse do ouvinte ao longo do tempo e permitiu que a história fosse contada de forma mais completa e detalhada.

Diante da análise realizada, pode-se dizer que o *podcast* “Praia dos Ossos” apresenta diversas características do rádio digital em sua construção narrativa. Utilizando de diferentes recursos sonoros e musicais para ambientar, além de uma trilha sonora cuidadosamente elaborada para enfatizar momentos de tensão ou emoção na história. Ele ainda apresenta um formato de storytelling, que valoriza a construção de personagens complexos e uma trama que se desenvolve de forma gradual, incentivando a envolver o ouvinte na história. A

utilização de entrevistas e depoimentos de pessoas reais envolvidas nos acontecimentos narrados também é uma técnica acionada.

O “Praia dos Ossos” pode ser visto como um exemplo do potencial do *podcast* jornalístico-narrativo como formato. Por meio de uma narrativa bem construída e envolvente, ele consegue prender a atenção do ouvinte e, ao mesmo tempo, apresentar informações importantes sobre o tema, além de oferecer mais espaço para a reflexão e análise, promovendo uma maior aproximação com o público.

Ao expor os detalhes chocantes do assassinato de uma jovem, de modo reflexivo e multifacetado, o *podcast* foi capaz de apresentar múltiplas perspectivas sobre o caso, incluindo a visão dos familiares da vítima, dos investigadores e até mesmo do próprio assassino, o que contribuiu para um debate mais abrangente sobre o tema.

Em suma, na análise feita é importante destacar a maneira como o feminicídio é tratado na cobertura realizada pela “Praia dos Ossos”. Por meio de uma abordagem sensível, responsável e humanizada, o *podcast* apresenta uma história real de uma mulher vítima de violência, dando voz à vítima e amigos da vítima e, ao mesmo tempo, trazendo reflexões importantes sobre o problema.

Desse modo, é possível afirmar que a contribuição do *podcast* “Praia dos Ossos” para discussão sobre o feminicídio é inestimável, prova disso que em uma entrevista concedida a Bárbara de Oliveira, Branca revela que os oito episódios do Praia, já tem mais de 1,6 milhão de download, tendo mais de 200 mil pessoas por episódio, isso por causa de com uma cobertura jornalística responsável e cuidadosa, evitando a espetacularização e a sensacionalização do tema, que busca ir além dos dados frios e estatísticos e, assim, colocar o tema em evidência. A equipe de produção construiu a narrativa para sensibilizar o público para a gravidade do problema, destacando a importância de enfrentar a violência contra a mulher.

Por isso, o *podcast* se destaca como uma importante contribuição para o debate sobre o tema. A sua produção demonstra o potencial do *podcast* jornalístico-narrativo como formato, que oferece ao jornalismo a possibilidade de tratar de questões emblemáticas da sociedade contemporânea para além da factualidade e das estatísticas, a partir da humanização dos personagens e do debate mais aprofundado do contexto das violências e suas formas de enfrentamento.

É importante destacar, contudo, que “Praia dos Ossos”, como um produto sonoro, não dá conta de toda a complexidade do tema feminicídio e das violências vivenciadas pelas mulheres, ao longo dos tempos. Esse produto dá visibilidade a uma história já amplamente

coberta pelos veículos jornalísticos. Não podemos nos esquecer que Ângela era uma mulher branca, de classe média-alta, estudada, nascida na capital mineira e por questões como essa que o seu caso acabou ganhando tanta atenção e destaque na época dos fatos.

Contudo, existem milhares de outras “Ângelas” que estão, por aí sendo silenciadas e esquecidas todos os dias. Isso pelo fato de que muitas dessas mulheres vítimas de violência e do feminicídio serem negras, pobres, sem estudo, do interior ou de localidade mais afastada. Por conta de inúmeras questões interseccionais, muitas dessas vítimas são lembradas apenas como números, continuando assim invisibilizadas.

Dessa forma, é importante que os profissionais de comunicação, em especial os jornalistas, tenham um olhar mais abrangente e humanizado, repensando como tem sido abordado o feminicídio, buscando uma cobertura mais responsável e informativa, que leve em consideração as raízes da violência contra a mulher e contribua para a conscientização e prevenção do problema.

Diante de todas essas questões, este trabalho contribui para a discussão sobre o *podcast* jornalístico-narrativo como formato, demonstrando seu potencial para compartilhar informações de forma mais aprofundada e envolvente. O caso específico de "Praia dos Ossos" mostra como uma combinação de técnicas jornalísticas e narrativas pode gerar uma experiência única de informação e entretenimento, aprofundando temas complexos e envolver emocionalmente o público.

A análise dos recursos de linguagem utilizados no *podcast* “Praia dos Ossos” aponta para a produção de narrativas complexas e sensíveis, de forma criativa e eficiente para contar histórias e prender a atenção do público. Mais do que apenas recursos técnicos, destacam-se as potencialidades sensoriais e relacionais, que permitem uma experiência mais imersiva, contribuindo para a discussão de temas tão importantes quanto o feminicídio e o enfrentamento das violências contra as mulheres.

Com isso, espera-se que este trabalho possa contribuir para a reflexão e o aprimoramento deste formato de mídia, bem como para a produção de novos conteúdos que promovam o debate público e a conscientização sobre temas relevantes para a sociedade. Por fim, é importante ressaltar que este estudo não esgota todas as possibilidades de análise do *podcast* "Praia dos Ossos", e que há espaço para futuras pesquisas que aprofundem a compreensão do potencial desse formato para o jornalismo e para a cultura em geral. No entanto, esperamos que este trabalho possa contribuir para estimular novas reflexões sobre o tema e incentivar a produção de conteúdo jornalístico-narrativo de qualidade.



## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Ivy de Souza *et al.* FEMINICÍDIO NO BRASIL: A CULTURA DE MATAR MULHERES. In: **FEMINICÍDIO NO BRASIL: A CULTURA DE MATAR MULHERES**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/feminicidio-no-brasil-a-cultura-de-matar-mulheres.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

AGENCIA BRASIL. **80% da população ainda ouve rádio, diz pesquisa**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2021-09/80-da-populacao-ainda-ouve-radio-diz-pesquisa#:~:text=com%20tantas%20op%C3%A7%C3%B5es.->>. Acesso em: 23 maio 2023.

AGENCIA BRASIL. **Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio#:~:text=No%20ano%20passado%2C%20cerca%20de,dia%20simplesmente%20por%20serem%20mulheres>. Acesso em: 23 maio 2022.

AQUINO, Marina Alimandro de. **RÁDIO DIGITAL**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) - UniCeub – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1474/2/20171986.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ASSIS, P. de; LUIZ, L. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais, Caxias do Sul. In: Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 10; Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais[...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

AVELAR, Kamilla, Nair PRATA, and Henrique MARTINS. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda**. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade da Região de Joinville. Vol. 2. 2018.

BARBOSA, Isabela Cabral. **JORNALISMO NARRATIVO EM PODCAST: UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM, DA MÍDIA E DO CENÁRIO**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo o, da PUCRio, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Stefany%20Sousa/Downloads/Jornalismo\\_narrativo\\_em\\_podcast\\_Uma\\_anal.pdf](file:///C:/Users/Stefany%20Sousa/Downloads/Jornalismo_narrativo_em_podcast_Uma_anal.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. **Lisboa: edições**, v. 70, 1977. 2009.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. QUEM AMA NÃO MATA -É PRECISO VOLTAR ÀS RUAS. **Trabalho necessário**, São Paulo, v. 38, n. 19, p. 1-12. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/47625/28424>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BELTRÃO, Luiz, QUIRINO, Newton de Oliveira. **Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas**. Revista da escola de comunicações culturais, USP, v. 1, 1968.

BELTRÃO, Luiz. QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. Vol. 13. Summus Editorial, 1986.

BRASIL, **Lei n. 13.104**, de 9 de março de 2015. Disponível em: Acesso em: 19 abr. 2023.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. Summus Editorial, 2013.

COMSCORE. **A Era do Áudio: Tendências do consumo de Streaming de Áudio no Brasil**. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Tendencias-do-consumo-de-Streaming-de-Audio-no-Brasil>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

FENAERT. **Consumo de podcasts no Brasil chega a 40% dos internautas**. Disponível em: <https://www.fenaert.org.br/1234-consumo-de-podcasts-no-brasil-chega-a-40-dos-internautas.html#:~:text=Sem%20d%C3%BAvida%2C%20o%20brasileiro%20%C3%A9,de%20acordo%20com%20a%20Comscore>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

FREIRE, Eugenio Paccelli. **O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313127402004.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2023.

GLOBO. **O futuro próximo dos podcasts**. Disponível em: <https://gente.globo.com/o-futuro-proximo-dos-podcasts/>. Acesso em: 23 maio 2023.

GOV.BR. **Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar#:~:text=No%20primeiro%20semestre%20de%202022,viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica%20contra%20as%20mulheres>. Acesso em: 23 maio 2022.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Revista Famecos, v. 15, n. 37, p. 101-106, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: MauadX, 2016.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**. Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

LANA, Cecília. Lugar de Fala, Enquadramento e Valores no Caso Ângela Diniz. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 1-20, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Stefany%20Sousa/Downloads/35449-Texto%20do%20artigo-41741-1-10-20120731.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Live Praia dos Ossos – Branca Viana e Flora Thomson-DeVeaux. [S.l.: s.n], 2020. 1 vídeo (51 min. 31 seg). Publicado pelo canal Rádio Novelo. Disponível em: [https://youtu.be/ZUjwc1\\_XSEM](https://youtu.be/ZUjwc1_XSEM). Acesso em: 23 maio. 2023.

LUIS , Lucio; DE ASSIS, Pablo. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. O Podcast no Brasil e no Mundo: u, [s. l.], 6 set. 2010.

LUIZ, Lucio, et al. **O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia**. IV Simpósio Nacional ABCiber. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (2010).

MAGNONI, Antonio Francisco. PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O RÁDIO NA ERA DIGITAL. **Revista Científica Ciências Humanas**, Maracaibo, Venezuela, ano 2012, v. 7, n. 21, ed. 21, p. 82-96, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/709/70923429006.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MASSAROLO, João; MESQUITA, Dario. **Imersão em realidades ficcionais**. Disponível em: <file:///C:/Users/Bruna/Downloads/17517-Texto%20do%20Artigo-65328-1-10-20140430.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2023.

MENDONÇA, Bárbara de Oliveira. **QUEM AMA NÃO MATA: UMA ANÁLISE DO PODCAST PRAIA DOS OSSOS**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO JORNALISMO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14724/1/BMendon%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

NEGOCIOS SC. **Consumo de podcasts no Brasil chega a 40% dos internautas**. Disponível em: <https://negociossc.com.br/blog/consumo-de-podcasts-no-brasil-chega-a-40-dos-internautas/>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

PRAIA DOS OSSOS: **O julgamento**. Local: rádio Novelo, 2020. Podcast Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/o-julgamento/>. Acesso em: 30 maio de 2022.

PRAIA DOS OSSOS: **O julgamento**. Local: rádio Novelo, 2020. Roteiro. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/wp-content/uploads/2022/12/ep2-o-julgamento.pdf>. Acesso em: 30 maio de 2022.

PRAIA DOS OSSOS: **O crime da Praia dos Osso**. Local: rádio Novelo, 2020. Podcast

Disponível

em:<https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos/>. Acesso em: 30 maio de 2022.

PRAIA DOS OSSOS: **O crime da Praia dos Osso**. Local: rádio Novelo, 2020. Roteiro. Disponível

em:<https://radionovelo.com.br/wp-content/uploads/2022/12/ep1-o-crime-da-praia-dos-ossos-1.pdf>. Acesso em: 30 maio de 2022.

PRAIA DOS OSSOS. **Praia dos Ossos**. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em: 23 maio 2022.

PRATA, Nair. **Webradio - novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

RIO DE JANEIRO, Estado do. Ângela Diniz. In: **Sentença**. Rio de Janeiro, 6 nov. 1981. Disponível em:

<http://www.tjrj.jus.br/documents/5989760/6631816/Trechos+digitalizados+dos+autos+processuais+de+Doca+Street.pdf/3e70f743-2314-6a42-09b9-6fdc09721806>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, E. Vídeo da apresentação do Prêmio Podcast 2008. In: **Blog do Prêmio Podcast**, 9 dec. 2008. Disponível em: Acesso em: 18 abr. 2023.

TUDO RADIO. **2021 já conta com mais podcasts novos do que todo o ano de 2019**. Disponível em:

<https://tudoradio.com/noticias/ver/25767-tendencias-2021-ja-counta-com-mais-podcasts-novos-do-que-todo-o-ano-de-2019>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

VARGAS, Matheus Machado. **A estética narrativa do Praia dos Ossos: uma contribuição para a análise de podcasts**. 2022.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **RUMORES**, Juiz de Fora, v. 14, n. 27, p. 1-20, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Stefany%20Sousa/Downloads/167321-Texto%20do%20artigo-421281-1-10-20200716.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

**Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>

ZDNET. **Mercado de podcasts cresce no Brasil**. Disponível em:[https://www.zdnet.com/article/podcast-market-booms-in-brazil/?utm\\_source=podnews.net&utm\\_medium=web&utm\\_campaign=podnews.net%3A2019-11-05](https://www.zdnet.com/article/podcast-market-booms-in-brazil/?utm_source=podnews.net&utm_medium=web&utm_campaign=podnews.net%3A2019-11-05). Acesso em: 30 de maio de 2023.

